

LEMBRANÇAS DE PURUMÉ

LEMBRANÇAS DE PURUMÉ

REGINA MENEZES LOUREIRO

Vitória, ES - 2024

LEMBRANÇAS DE PURUMÉ

© 2024 - Todos os direitos reservados. A reprodução de qualquer parte da obra, por qualquer meio, sem autorização da editora, constitui violação da LDA 9.610/98

Ilustrações e Pinturas
Regina Menezes Loureiro
reginamenezesloureiro@gmail.com
www.reginaloureiro.com

Revisão da autora
Editoração Vanessa Baihense Falcão
artesbaihense@gmail.com

Impressão

ISBN

CONTEÚDO

Prefácio	06
Nossa Terra	09
Palavras da Autora	14
Palavras de Purumé	18
Das Dores	22
Primeiras Lembranças	25
Capítulo I Dr. Manoel Alves	27
Capítulo II Seu Nato	34
Capítulo III Nossa começo em Boa Família	39
Capítulo IV Nasci	44
Capítulo V Kauana	48
Capítulo VI Margarida	54
Capítulo VII Cecília	57
Capítulo VIII Saudade	70
Capítulo IX Coração Fraco	78
Capítulo X Assombrações	82
Capítulo XI Curva do Angico	86
Capítulo XII Este é o meu lugar	90

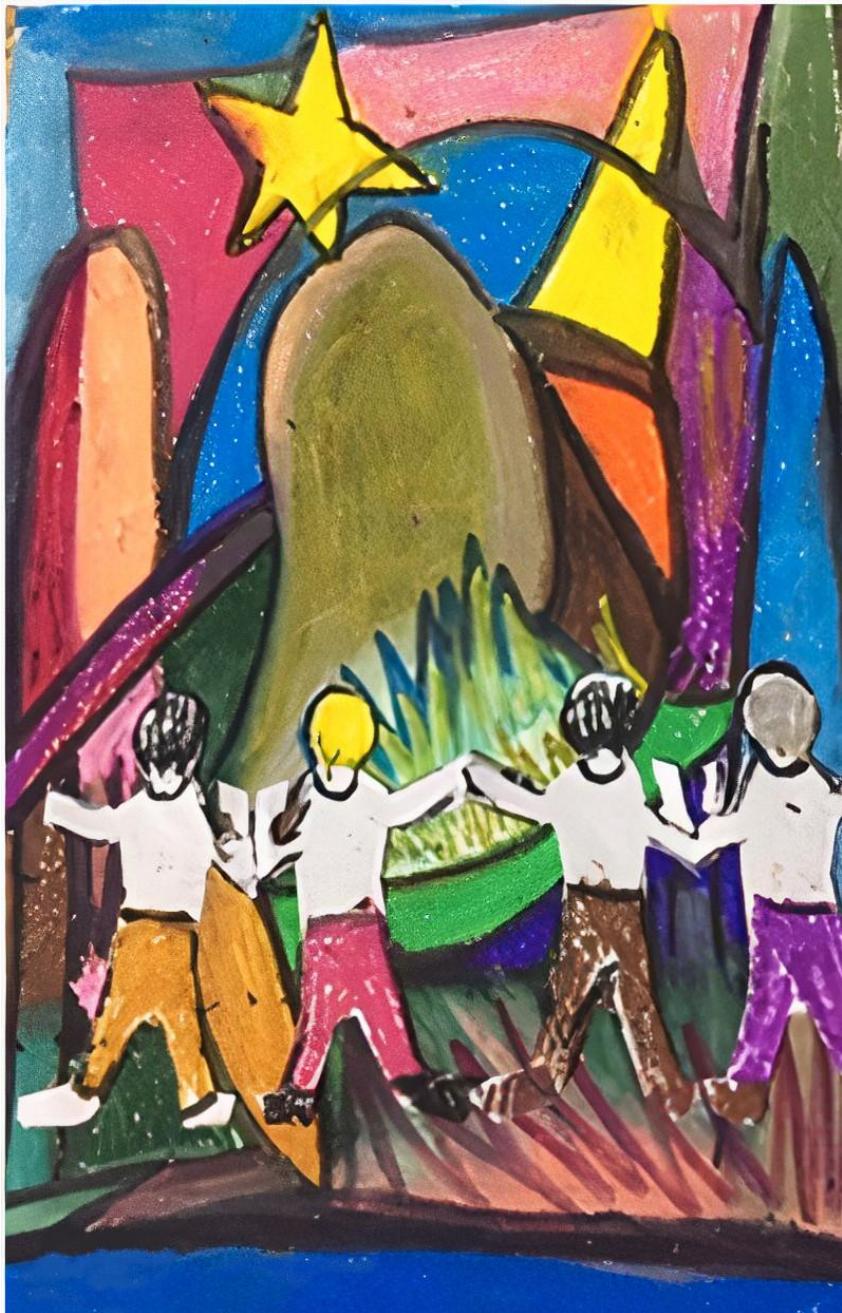
II PARTE

Capítulo I	A descoberta	95
Capítulo II	Poder de um amuleto	100
Capítulo III	A descoberta de um amuleto	104
Capítulo IV	A notícia se espalha	107
Capítulo V	Parecia até milagre	109

LEMBRANÇAS DE PURUMÉ

Índios, negros e brancos
se unem, numa proteção,
querem salvar montes, flancos,
e matas da nobre nação.

Nesta terra benfazeja,
fincou pés forte nação,
é gente alegre que enseja
o progresso e a proteção



Representação da PEDRA DA ONÇA - Regina Menezes Loureiro

LEMBRANÇAS DE PURUMÉ

*“Nós não vemos as coisas como elas são,
mas como nós somos”.*

Talmude, o livro sagrado dos judeus

DEDICATÓRIA

Aos meus avós, Anísio Barbosa de Menezes e Alvina Mascarenhas de Menezes¹ , Américo Barbosa de Menezes e Ana Mascarenhas de Menezes² , desbravadores desta Terra, grande dívida de gratidão.

Ao meu pai Ivan Barbosa de Menezes (em memória), minha mãe Maria José Menezes, mulher forte (em memória) e ao meu tio Américo Barbosa de Menezes Junior, grande Mestre Capixaba, (em memória) exemplares filhos de Itaguaçu.

¹ Fazenda Primavera

² Fazenda Panorama

AGRADECIMENTOS

À minha família, aos netos Mariana, Marina, Henrique, Andressa Regina e Thaissa Victória. Vocês pensam que o mundo é só isto que vocês veem? Não é

Há muitas coisas que não vemos, mas existem!
É um mundo paralelo, um mundo invisível que só descobre quem lê.
Vocês têm o meu amor, incondicionalmente, sempre.

PREFÁCIO

Na primeira vez que li Regina Loureiro, fui presenteado com uma magnífica obra que, com leveza, caprichosamente, prendeu-me à leitura, levando-me a um passeio inesperado e surpreendente pelas ruas da linda ilha de Vitória. História triste de um morador de rua que desconhecia seu próprio passado, vivida pelo personagem nominado Purumé, sua fiel companheira Bacate, a cadelinha inseparável e Das Dores, com quem dividia as migalhas recolhidas. Difícil não se comover e não se sentir de certa forma, responsável pelo sofrimento alheio, após a leitura de uma obra tão bem lapidada, mostrando-nos a realidade dos guetos, retratada no personagem sofrido, porém cativante de Purumé. É impossível ler “Caminhos de Purumé” e não tirar dessa belíssima e bem narrada obra uma mensagem de humanismo e cidadania.

“Vai, pois, escreve isso numa tabuinha perante eles, escreve-o num livro, para que fique registrado para os dias vindouros, para sempre, perpetuamente.”

Isaías, 30:8

E eis que para minha grata surpresa, chega em minhas mãos a mais recente obra dessa magnifica escritora trazendo novamente o cativante personagem das ruas da Ilha de Vitória, agora em “Lembranças de Purumé”, que após acometido de forte emoção, a névoa que encobria seu passado e suas lembranças aos poucos se dissipava levando-nos, através da narrativa de suas lembranças, e com riqueza de detalhes, a conhecermos um pouco sobre a chegada dos imigrantes e o desbravamento das terras do Espírito Santo.

É com o melhor dos meus olhares, pois é desse modo que procuro dar dignidade a quem me tem como honrado interlocutor da sua obra, que venho dar o meu depoimento que ora prefacia esse belíssimo trabalho.

Regina Menezes Loureiro, sem cair em prolixidade e com síntese irretocável, nos traz mais uma primorosa obra. Deixemo-nos, pois, sermos levados através da rebobinagem do tempo na narrativa de Purumé, que aos poucos recupera a memória e conta ao seu médico, com riqueza de detalhes, as suas aventuras com a chegada e instalação de alguns dos primeiros imigrantes em terras espírito-santenses.

“As casas eram cobertas de tabuínhas ou de palha de material extraído ali mesmo, das redondezas do majestoso rio Santa Joana.”

Através de uma belíssima e bem fundamentada história de ficção, a escritora valoriza a importância do Rio Santa Joana e as dificuldades encontradas pelos desbravadores ao se instalarem, o embate destes com os povos indígenas, a chegada dos portugueses, a descoberta das riquezas minerais, a exploração de pedras preciosas e seus conflitos, bem como o início do cultivo cafeeiro e de cana de açúcar e, assim, o nascimento do Povoado de Boa Família, que daria origem a atual cidade de Itaguaçu.

“Agora é imaginação para afirmar dados verídicos colhidos em pesquisas. É desnudar sentimentos reais comuns de um povo e do lugar em certa época, saídos das LEMBRANÇAS DE PURUMÉ”

Sem mais delongas e para não lhes roubar o tempo de apreciação e aproveitamento desta fantástica obra, os convido a conhecer mais uma preciosa peça literária da lavra de Regina Menezes Loureiro, que com toda certeza vem para valorizar e enriquecer os documentários da história do nosso Estado.

Edy Soares é capixaba de Ibatiba. Classificado em vários concursos literários, nacionais e internacionais é autor de vários livros

NOSSA TERRA

*Nesta terra tão fecunda,
tive amores, fiz segredos.
Eu plantei raiz profunda
dei a vida, subi rochedos.*

*A vida é tão só cansaço!
Do lixo guardo o alfabeto,
todo dicionário, abraço
e não lembro do dialeto?*

Aprendemos na escola que os portugueses chegaram ao Brasil, em 22 de abril de 1500, em dez naus, três caravelas e cerca de 1200 homens. No Espírito Santo chegaram em 23 de maio de 1535.

A chegada dos portugueses em terras capixabas foi marcada por um cenário de lutas e grandes desafios, por parte dos índios, que ainda viviam por estas bandas.

Em Figueira de Santa Joana, primeiro nome da vila de Boa Família, só por volta de 1882, é que foram chegando os portugueses, os heroicos desbravadores que enfrentaram doenças desconhecidas e flechadas de ferozes gentios, ofendidos por verem suas terras invadidas.

Eram índios botocudos que receberam os portugueses e só se afastaram para as montanhas do Caparaó, quando os portugueses revidaram com armas de fogo.

Os que chegaram até aqui não eram nobres vindos da corte, mas nada tinham de poderosos.

Eles conheciam o conforto da corte mas trocaram tudo por uma vida de aventuras em busca de novas terras e riquezas.

As primeiras casas eram toscos casebres sem nenhum conforto para a família. Não dispunham de conhecimento suficiente de arquitetura, não possuíam técnicas de engenharia e construíam suas casas sem nenhum princípio arquitetônico definido.

Empregavam regras elementares para construir as suas residências. As habitações eram feitas com o material encontrado no próprio local como: pedras moledos e granitos. As madeiras eram tiradas das matas, era o material mais utilizado em construções.



Naquela época, a mata nativa apresentava-se exuberante.

Era encontrado o araçá amarelo, jacarandá, o angico, ingá de metro, jabuticaba, palmito margoso, pau brasil, pessegueiro bravo e outras madeiras nobres.

As casas eram cobertas de taboinhas ou de palha, de material extraído ali mesmo, das redondezas do majestoso rio Santa Joana.

Mais tarde, com a riqueza do café, os portugueses puderam importar mão de obra de outros estados e passaram a empregar a arquitetura colonial em ampliação de algumas casas das fazendas mais promissoras.

Os portugueses, e mais tarde, os italianos e alemães, nos transmitiram alguns monumentos e construções com a graça das artes importadas da Coroa Imperial ou de seus países de origem. Poucos são os grandes casarões que resistiram à ação do tempo.



Arquivos de família

Quando nasci, logo surgiram mais casas, a capela e uma vendinha, o chalezinho e o cemitério. Estava assim formado o povoado naquele tempo.



Arquivos de família

A rua principal deste meu imaginário era romântica e sozinha.

Era comprida e mais para estrada do que para rua, de tanta poeira que tinha!

Seguindo o mesmo caminho feito por José Theodoro, grande benemérito de Boa Família, que veio de Palmeiras, passava-se por uma pinguela, percorria uma estrada de terra.

Ao terminar a rua, acabava a vila.

A exuberante vegetação ostentava todas as cores. Perfumes inebriantes visitavam casas e casebres.

Na palmeira uma juriti, na mangueira o sabiá. Nas árvores próximas dos rios, os guaches eram os exímios tecelões e faziam seus ninhos em forma de saco.

*Por toda a rua comprida, se avistava
capelas e casebres, jardins e campinas.
Pelo meio dia, um animal solitário pastava
entre bamboleios de aves, em ravinas.
A terra boa, o povo saudava
a beleza sem par destas matas.
O povo, à tarde, parava,
para à Santa, prendas oferecer.
Depois da reza, é hora de agradecer.
Nenhum ruído de vento a gemer
e diante do silêncio que doía,
a população, ao relento, reunia
e só voz do rio se ouvia...
ou o som da sanfona de alguém
que se perdeu no tempo.
Ninguém dormia, por todo rincão.
Sem estradas o jeito é andar “de pé”,
carregar produtos no lombo
até chegar nas palhoças,
ao anoitecer.*

PALAVRAS DA AUTORA

*As pernas estão cansadas
porque muito caminhei.
Percorri trilhas e escadas.
Eu plantei amor, sonhei.*

Esta é uma obra de ficção.

Sustos e dissabores, alegrias e amores ficarão registrados em pensamentos e as emoções dos entreveros apimentarão o conto e cuidarão do suspense para deleite do leitor.

Usei o tempo presente em busca do passado para resgatar a história de Purumé. Qualquer semelhança em nomes é pura coincidência.

É um conto com suas variáveis ambientais que se apropria de uma série de fatos reais, para dar ao leitor a certeza do que é.

A minha tradição aventureira usa da imaginação para afirmar fatos históricos, que ressurgem aqui, como elementos novos que aparecem agora no tempo da alma. É o que justamente caracteriza a história com um esboço de romance: uma procura para valorizar as lembranças, num contexto histórico/cultural.

Com o resgate, extraí lições, consegui enxergar momentos do meu caminhar vida a fora e, de algum modo, domar o tempo que passou.

Com imaginárias afirmações sobre o personagem³ descrita em outro trabalho, o texto tem também como objetivo principal divulgar a história e as belezas da região estudada, desde a colonização.

³ Caminhos de Purumé/Regina Menezes Loureiro-Vitória, 2012.

Castro Alves ALVES, C., Espumas Flutuantes, 1870.

Em **Lembranças de Purumé** a narrativa valoriza o Rio Santa Joana e sua riqueza, a população ribeirinha. Descreve as primeiras construções no município, as potencialidades econômicas da região, as construções das primeiras igrejas, alguns casarios, ruínas e “capitéis”.

A história é um quebra-cabeça montado a partir de relatos, pesquisas, observações e conclusões para descrever o conjunto histórico e os bens que constituem o Patrimônio Cultural de Boa Família. É uma tentativa de penetrar no interior de corredores, ainda inexplorados, e registrar fatos para a posteridade.

A autora escolheu um andarilho para compor o principal personagem. Ao apresentar seus conflitos e os da sociedade já no século XX, ao inserir comentários sobre as ações da história de um tempo distante viso dar à narração ares de popular e de atual.

Eis meu objetivo maior!

Quando escrevo, tiro da alma sentimentos sinceros, crio um objeto meu e entrego ao leitor para que se aproprie dele e o transforme em novas emoções!

A nós os versos graciosos de Castro Alves, abençoando quem semeia livros ...

Capitéis é nome comum na região para pequenos oratórios que eram construídos nas fazendas para o santo da devoção

*Oh! Bendito o que semeia
Livros à mão cheia
E manda o povo pensar!
O livro, caindo n'alma
É germe – que faz a palma.
É chuva – que faz o mar!*

Quando lemos, descobrimos o maravilhoso mundo da leitura.

O cidadão se transforma quando apreende o lido que o faz assimilar as vertentes exploradas pelo autor. Em seguida pode transformá-las em novo objeto de arte.

A literatura é um ato solitário que resiste neste mundo dominado pelo virtual. O cidadão criado no mundo virtual é jogado para fora, para o mundo da informação. A literatura nos joga para dentro, provoca, interroga, interfere, desestabiliza e obriga conhecer o vazio da alma.

Paulo Freire disse, em 1985:

“A leitura de mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica na leitura daquela”.

Ao estimular o contato com os livros, criamos momentos alternativos agradáveis em família, nas escolas, em bosques ou parques.

Purumé é o personagem das minhas noites de insônia, quando uma mão me arrastava e fazia me levantar do colchão.

Vou escrever. Preciso libertar esta ânsia que me atormenta ...

Arregalo bem os olhos, tento mais uma vez me reanimar e me convencer que esta é luz boa.

O que dizia mesmo aquele homem risonho que trabalhava levando o carrinho, recolhendo papéis e latinhas?

Sim ou não?

Não ria de uma pessoa que levanta da cama e vai escrever sobre um desconhecido catador de papel.

Foi assim que nasceu Purumé, o personagem central desta história, o fruto de meus pesadelos.

Desmemoriado, ele nada sabia da sua origem.

Deitado numa calçada fria ou em corredor de hospital, era matéria delirante, impotente.

Recebeu o nome de Purumé .

Reconstruiu sua vida como cantador de papel das ruas de Vitória.

No desenrolar desta história, ele terá uma grande emoção e lembrará de sua origem.

Agora, é imaginação para afirmar dados verídicos colhidos em pesquisas. É desnudar sentimentos reais comuns de um povo e do lugar em certa época, saídos das *LEMBRANÇAS DE PURUMÉ*

Não jogue fora a chance de saber mais!

PALAVRAS DE PURUMÉ

*Eu plantei semente boa
em bom terreno, nasceu,
bateu asa, agora voa,
vai longe, destino meu.*

*Chorei, nunca mais ouvi
um violão tocar dobrado,
o cantar do bem-te-vi,
no peitoril do sobrado.*

*Nem o amigo beija-flor,
lá nas graxas do jardim,
com eternas juras de amor
me dá paz, só um cadim.*

*Bacate, cedula, amores
em cacos, latas, palhoças
entre medos e tremores,
se esconde em nossa carroça.*

*Eu dormia...
Sonhava...
Será verdade?
Sim ou não?*





Luto pela sobrevivência.

Em tempo de sonhos, dormindo ou até acordado
aqui estou como um bruto sem eira nem beira, sedento,
mergulhado em trapos, deitado em meu companheiro,
como se fosse meu travesseiro pulsante!

Bacate, meu vira-lata amigo,
é só coração e não me deixa só.

Se como farinha, ela come também
e sempre alegre abana o rabo cotó,
quando o prato comida contém.

Dividimos a marmita, juntos comemos.
Busco minhas pernas doídas.

Aqui estão!
Meu braço adormecido detém o labor
na esperança de servir, ter uma vida melhor.
Estou inteiro... mesmo com a cabeça girando, estou
inteiro!

Novamente, aquela pessoa invisível que estou, vem me perturbar.

Das dores ao meu lado.

Sempre!

Gostaria que a polícia não me fizesse perguntas, e que nos deixasse em paz!

Quando tudo deixa de ser o que é, esta pergunta me persegue e vou buscar consolo num livro velho de Santo Agostinho, que achei no lixo:

Que é, pois, o tempo? quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só, com o pensamento, e depois nos traduzir por palavras o seu conceito?

Logo eu, sem passado, posso contar o tempo?

Podemos definir “tempo da alma” e o “tempo do mundo”?

O instantâneo é o mundo real, o presente que não dura nada. Já passou. É apenas uma lógica da mente humana.

Outro dia, parado na frente de um bar, ouvi num radio qualquer e Renato Russo cantar “temos nosso próprio tempo”.

Esta fala nada mais é que uma modernização do pensamento agostiniano.

E o tempo da alma?

É o meu passado que já se foi, é o tempo que se afastou de mim quando perdi a memória? Este já não é palpável!

Quero resgatar o meu passado no tempo da minha alma, onde estão as lembranças, para compor a minha identidade.

De repente aquele mesmo calafrio...

Novamente?! ... tudo vai recomeçar?

É a eterna inquietação do meu viver!

Voltou a voz fantasmagórica do pesadelo.

Agora só sei é do meu sofrimento.

Quem sou? Sei não!

Tanto tempo se passou e sinto esta angústia?
Ou será tudo um pesadelo!
Sofrimento, médicos, aeventais brancos!?
Voltei ao passado?
Das dores! Sente desconforto e gême
e se esforça para conseguir sustentar a barriga de nove
meses.
Voltou... é a dor mais forte ainda,
outra contração, seguida de mais uma e outra! Outras
dores.
Socorro!
Ao meu lado das dores gême, respira, grita... é agora?
Atenção!
Desfaleço!
Tento bloquear pensamentos.
Eu me esconde em trapos, e me enroscô.
Ó tempo! uma torrente de rostos,
que engrossam, reviram olhares estranhos!
Tantas estrelas cintilantes, azuis, vermelhas, amarelas.
São tantas ao meu redor!
Todas as feras de meus sonhos, me atormentam.
Desespero! este meu destino humano...
Contempro o inverno da aflição, enlouqueço...
Provo o pão amargo do destino insano.
Esmaeço, desmaio, sobrevivo, aborreço.
Sorvo o vinho tinto da miséria, me desconheço.
Ando por mundos desconhecidos, sem saber quem sou.
Todo meu sonho é o jeito de estar sempre a partir.
Sem começo e sem fim, minha alma é como o mar, um
vai e vem sem fim...

DAS DORES



Das Dores, tranquilo amor.
Não solicitou passagem,
me acompanhou com fervor,
se instalou nesta viagem.

Devagarinho, gostoso,
cheio de tranquila paz.
Às vezes é tão medroso,
da carne, desejos, traz.

Amor de deixar rolar
sem culpa e nem saudade.
Não veio só prá ficar
no lixo, quer a cidade.

Esta paixão que se alastra,
serena e mansa se instala.
Toma o espaço é pilastra
no coração, e arrala.

Agora estamos em dezembro, a tarde de um domingo ensolarado. Vamos ter um filho, eu trabalhei em companhia de Das Dores até mais tarde para aproveitar que o comércio funciona.

Das Dores,
A vida agora nos presenteou...
Suas dores, no SAMU, são dores de uma vida, uma conquista. Geramos nova vida.
Neste instante, nosso amor se completou.
Estou alegre, até virei poeta!

Não sei se morro ou me levanto
ou bato asas ritmadas no compasso do
sangue que ferve em todas as veias.

Ouço homens de branco, sérios e responsáveis:

- Vai nascer! alguém diz:

Das Dores respira cachorrinho, ouço choro.

- Ele pode morrer? Alguém pergunta...

Das Dores! De todas as minhas dores!

Saiba que seus olhos me asseguram, a mim mesmo!

- Não deixe nada acontecer, Doutor!

Uma criança chora.

Sinto, desmaio
ouço alguém dizer:

- É um menino!

Naquela hora, a Natureza tirou dos meus olhos a
venda que me achava sufocando, e me revelou toda a
verdade!

Nesta mistura de sentimentos, digo:

- Seu nome será Antônio Carvalho Vieira Filho.

PRIMEIRAS LEMBRANÇAS

*Neste tempo desprezado,
o seio explode em ardor.
Um novo astro é abrasado.
Arde e clama por amor*

Era uma tarde de domingo e a recepcionista do consultório ao lado, uma jovem bela de óculos de tartaruga, percebeu a minha presença. Notou a angústia em meus olhos, abriu a porta e me acolheu, amistosamente.

Atrás da porta, uma sala repleta de necessitados que aguardavam por atendimento médico.

Com 27 anos de trabalho, o Dr. Manoel Alves gosta de fazer o seu trabalho no pronto-socorro. Tudo que acontece no centro de Vitória vem para este lugar. Ele não deixa de atender ninguém.

Um homem chegou agora com dor no peito. Em cinco minutos estava sendo atendido pelo doutor.

Eu vestia roupas de trabalho ainda sujas da lida diária e não sabia o que pensar. Os pensamentos misturados na memória não deixavam que distinguisse mais nada.

Após uns quinze minutos, o Dr. Manoel Alves, psiquiatra do Pronto Atendimento, me atendeu.

Agradeci.

- O que tem este pobre homem?

- O que o atormenta, meu bom homem? Estas foram as primeiras palavras do Doutor.

Em delírio falei.

Depois que saí daquela clínica, como errante peregrino,

passei a caminhar pelas ruas de Vitória.

Continuava muito triste, exausto em meu recolhimento.

Muito constrangido, senti medo.

Horrível!

Um grande medo, enorme susto ao me ver desconhecido num mundo estranho.

As pessoas me evitavam, qualquer aproximação, temendo alguma agressão.

Todos se amedrontavam com o meu modo de ser e se afastavam. Era um indigente que supostamente podia atacar, pensavam.

Tenho bom gênio. Tento ser forte. Mas quando sofri ameaças passei a me esconder nas ruas ou praças, dormindo sob pontes ou marquises, sem nenhuma esperança de vida.

Esquecido e ao abandono, procurei me unir a um grupo que sai junto, a procura de comida.

É muito triste viver sem família, a esmo, sozinho e esquecido, muitas vezes sendo tratado como se fosse parte do lixo.

É muito triste não ter para onde voltar quando o sol se põe e as sombras crescem com a chegada da noite fria e perigosa. A solidão mortifica e temos como companheiros o exílio e o pesadelo.

- Todos nós temos a nossa história, Purumé.

Por que viver esta vida, que é humana, pior do que se fosse de um animal? Mas um dia teve uma família, um lar e uma posição social, não é? Perguntou o Doutor.

CAPÍTULO I - DR. MANOEL ALVES

*Olhem, vejam só! Lisboa!
me perco, barbaridade!
bebo vinho com Pessoa
com pé na brasiliade.*

O Dr. Manoel Alves, psiquiatra do Pronto Atendimento – PA, era um homem de uns sessenta anos, atencioso e parecia muito bondoso. Escutou pacientemente todo o meu relato, nesta nova conversa.

Ou seria o meu delírio?

As palavras saíam em sussurros, atropeladas.

A respiração entrecortada e o Dr. Manoel, paciente.

Era uma tarde de domingo e a recepcionista do consultório ao lado, uma jovem bela de óculos de tartaruga, percebeu a minha presença. Notou a angústia em meus olhos, abriu a porta e me acolheu, amistosamente.

Atrás da porta, uma sala repleta de necessitados que aguardavam por atendimento médico.

Com 27 anos de medicina, o Dr. Manoel Alves gosta de fazer o seu trabalho no pronto-socorro. Tudo que acontece no centro de Vitória vem para este lugar.

Ele não deixa de atender ninguém.

Um homem chegou agora com dor no peito. Em cinco minutos estava sendo atendido pelo doutor.

Eu me vestia com roupas de trabalho, ainda suja da lida diária e não sabia o que pensar.

Os pensamentos misturados na memória não deixavam

que distinguisse mais nada.

Após uns quinze minutos, o Dr. Manoel Alves, psiquiatra do Pronto Atendimento, me atendeu.

Agradeci.

- O que tem, você, pobre homem?

Por que se atormenta, meu bom homem? Estas foram as novas palavras do Doutor.

Começo a me lembrar!

Lembro-me que eu era um menino bastante fora do comum, em muitas coisas. Detestava tudo que os adultos queriam que eu fizesse, e também repelia o que outros meninos apreciavam.

Os professores amavam ser durões. Os pais castigavam se algum professor reclamassem.

Um dia, resolvi passar para visitar uns amigos que moram perto do rio. Levei no bornal lápis e cadernos para depois ir à escola. Pendurei o bornal num galho da Figueira.

Esqueci da escola.

Aula era sinônimo de rotina, dor, dureza, massacre.

Meu avô soube deste meu deslize e me colocou de castigo, dizendo:

- Estude meu neto. Seu futuro depende dos livros que você vai ler.

Na fazenda não era diferente.

Solidão, afastamento, passeios pela mata. Só comparecia para as refeições quando o berrante da Sinhá soava para o almoço. Comia na cozinha o mesmo grude reservado para os empregados e os submissos. O rango era aipim ou angu com pedaços de frangos, carne de porco ou ovo cozido.

Carne de boi era raro. Mas eu gostava desta vida de liberdade. As escolas, do tempo dos meus avós, não eram como as de hoje.

Eram poucas e bem diferentes.

Todos iam para a escola de pé.

Meu dileto avô me levou, para a escola, pela primeira vez.

Era uma classe só para todos os meninos e algumas meninas. Naquela época muitos diziam que leitura não era para mulher.

Os móveis da sala de aula eram raros. A mesa e a cadeira da professora, um armário e algumas carteiras com o tampo inclinado e com uma ranhura para meter o lápis.

Meu avô resolveu me ensinar em casa, e outros meninos apareceram para estudar com ele também. As crianças interessadas em aprender a ler, se reuniam na sala da casa.

Vovô Nato orientava para a leitura e para a escrita.

Aprendemos a ler em papéis usados para embrulhar mantimentos. Cheguei a recolher na venda os sacos de papel e as propagandas que começavam a aparecer por lá.

Meus deveres de casa eram feitos debaixo de uma grande figueira, às margens do Santa Joana. Às vezes, lápis suspenso na mão, por horas observava a vida que borbulhava no rio e na mata exuberante. Gostava da escola porque era lá que tinha os livros que eu gostava de ler. Mas era uma prisão sufocante.

Nas férias de verão eu passava dias e dias entre as plantas da floresta, em companhia de meus animais de estimação.

Quando cheguei a Vitória nada disso eu me lembava.

Pode me chamar de Purumé, nome que me acompanha depois que perdi a memória.

Depois que saí daquela clínica, como errante peregrino, ainda vivia pelas ruas de Vitória.

Continuava muito triste, exausto em meu recolhimento. Muito constrangido, senti medo. Horrível! Um grande medo, enorme susto ao me ver desconhecido num mundo estranho.

As pessoas me evitavam. Qualquer aproximação temiam alguma agressão.

Todos se amedrontavam com o meu modo de ser e se afastavam.

Era um indigente que supostamente podia atacar, pensavam.

Tenho bom gênio. Tento ser forte. Mas quando sofri ameaças passei a me esconder nas ruas ou praças, dormindo sob pontes ou marquises, sem nenhuma esperança de vida.

Esquecido e ao abandono, procurei me unir a um grupo que saiam juntos à procura de comida.

É muito triste viver sem família, a esmo, sozinho e esquecido, muitas vezes sendo tratado como se fosse parte do lixo.

É muito triste não ter para onde voltar quando o sol se põe e as sombras crescem com a chegada da noite fria e perigosa. O isolamento mortifica e temos como companheira a solidão e o pesadelo.

Medo!

Todo morador de rua tem à sua própria história.

Por que viver esta vida que é humana pior do que se

fosse de um animal? Mas o sonho era de um dia ter uma família, um lar e uma posição social, nos dá força.

Refletia diante de meus delírios e o Doutor registrava em fichas iguais a muitas outras histórias que ouvia em seu consultório. As lembranças se acendiam em minha mente e saíam atropeladas. Confiei neste desconhecido que me pareceu interessado e fitava meus olhos.

Confessei meus pecados. Ele prometeu me ajudar.

- Quero ajudar você, rapaz. Sinto que você tem bom coração e deve ter família de respeito. Vamos resgatar suas lembranças. Só assim você vai se curar para sempre, falou o paciente médico.

Tranquilizei-me.

Naquele instante soube que meu filho estava fora de perigo e até já mamou pela primeira vez.

Ouvir a notícia pela boca de um médico amigo me encheu de ânimo. Ao saber que tudo correu bem, criei alma nova.

Como deve ser boa a sensação de ouvir o seu coraçãozinho bater, o mamar como um guloso!

Agora que ele veio ao mundo compreendi o real sentido da felicidade, voltei para meu cantinho, lá na beira do mangue.

Das Dores ainda ficou no Hospital com nosso filho.

O doutor prometeu me ajudar. Nada mais me faltava.

Eu ainda estava só, envolto em pensamentos felizes, quando o médico do PA, Dr. Manoel Alves, veio me visitar pela primeira vez, no meu barraco, em São Pedro.

A maré estava cheia.

Ele saiu do automóvel, atravessou a pinguela e penetrou cerimonioso, no meu cafofo.

Caranguejos invisíveis acordaram com o barulho do ranger de passos na lama do lugar.

Muito honrado com a visita, eu recebi o ilustre visitante cheio de constrangimento. Amparei o médico para que não tropeçasse em alguma tábua solta do barraco.

O ilustre visitante não sabia direito em qual caixote deveria sentar. Limpei um velho banco com uma camisa usada e ofereci ao doutor.

Iniciamos uma conversa, entre duas pessoas que até então eram desconhecidas, uma da outra. Tentamos nos comunicar, romper as distâncias e minimizar a pobreza do lugar.

A princípio houve frases vagas, desencontradas, depois definimos a direção da conversa.

Desculpe o meu mau jeito! Amanhã vou me comportar direito. Não sou mais um bicho doméstico. Agora já sei o meu nome e não vivo mais na escuridão.

Eu me chamo Antônio Carvalho Vieira, fiquei conhecido como Purumé e agora eu me lembro das histórias de meu avô.

Tenho um filho que contará minha verdade!

A ele narrarei toda minha vida.

Quero sair e entrar na verdadeira história, construir novo futuro, com base na verdade do meu passado.

Ao dizer estas palavras, respirei com alívio. Adentrei por corredores escuros de meu pensar, dobrei esquinas, parei para pensar, apertei os lábios e até sorri.

O resto se perdeu em murmúrios, dei uma pancada nas tábuas do barraco e um pouco tonto, continuei, enquanto o Dr. Manoel observava.

Tenho este amor, o filho do acaso, que veio revolver toda a água parada do pântano que era meu viver.

Por onde eu vivia e por todo o lugar do Espírito Santo, duendes, assombrações, lobisomem, saci-pererê e mula-sem-cabeça, foram sempre temas em rodas populares e povoavam minha mente em noites de insônia.

Sobrevivi, ora na mata, ora em fazendas. Fui feliz enquanto meu avô viveu.

Depois, comi o pão que o diabo amassou.

Em Boa Família a coisa vai por aí. Muita gente acreditava nas histórias de tesouros ocultos em tocas, ou em pedreiras encantadas.

Muitos duvidavam mas procuravam acalmar crianças com estas histórias arrepiantes.

Eu passava muitas horas do dia escalando pedreiras, contabilizando bichos, semeando verdes e nunca encontrei assombração.

Isto merece documentação! Vai dar um romance.

Tudo é tirado do fundo da minha alma, recolhido das minhas próprias lembranças, vivências nesta terra que amei!

CAPÍTULO II - SEU NATO

*Histórias são fragmentos
na vida de quem viveu.
A cultura tem elementos
que educam o povo meu.*

*Seu Nato, avô e professor,
me ensinou também contar;
como bom educador.
eu aprendi mais soletrar.*

Seu Nato, meu avô, era um professor amigo, bom contador de causos, de histórias que o povo viveu.

As histórias do Seu Nato corriam mundos e ficaram para sempre no imaginário popular.

Lembro de algumas histórias engraçadas, outras de heróis dos mares e até de lobisomem. Todas contadas com animação e me fazem lembrar até de minha saudosa infância, tempos que não voltam mais.

Que delícia ouvir contos e pedir conselhos em troca de muito carinho e proteção! Devia ser assim em todas as escolas.

Tento firmar pensamento e lembrar tudo direitinho e repetir as palavras, do jeito que o Nato falava. Ele amava o povo de sua nova terra.

Nato sempre usava como forma de expressão e troca de informações o seu poder de comunicação.

A saudade me faz endireitar o corpo no banco. Abri

muito os olhos e ouvidos para alcançar o significado da minha prosa.

Puxei forte o ar que vinha de meus pulmões cavernosos e expeli sentidas lufadas de entusiasmo sincero, diante das recordações que brotavam do fundo de minha alma.

Meu avô Nato tinha a boca funda, a testa proeminente e quando seu rosto era olhado de perfil, parecia com uma lâmina cheia de dentes. Mas seu coração era grande, do tamanho do mundo.

Sério e pensativo, sentado em sua cadeira de balanço, aparava delicadamente a palha de milho; cortava fumo de rolo com seu canivete afiado e enrolava tudo na de palha, antecipadamente preparada.

Cigarro feito, aceso com o seu velho isqueiro de cobre, apreciava a vida.

Era um verdadeiro ritual!

Para fazer a barba, o espelhinho era preso na trama da janela da sala. Era hora de contar as pessoas que chegavam na venda e apreciar a estrada que passava ao longe.

Leitura do jornal era hora sagrada, ninguém incomodava.

Logo cedo, após o café da manhã, em seu escritório, esperava ansioso o mensageiro, que vinha de Itaimbé, todas as quintas-feiras, trazendo o Jornal do Brasil.

Leitura feita, plantava-se na cozinha para divulgar as notícias, a todos que quisessem ouvir.

- Admirável, sussurrou o médico procurando se ajeitar no banco.

E o banco chiou, gemeu com o peso do doutor.

Entusiasmado para ouvir bem a história contada, um

garoto caolho apareceu pelo buraco do barraco, através de uma tábua rachada.

Vou passar todo meu saber, por toda manhã contarei histórias. Que nem eu fosse o meu avô.

Observei o olho do zarolho que parecia zombar dele mesmo.

E assim, soprado pelo calor que vinha do mangue, continuei a contar minha história.

Em 1535, Coutinho chegou para tomar posse das 50 léguas de terra da costa brasileira, que recebera do Rei de Portugal, Dom João III. Surgia assim a Capitania do Espírito Santo, contava Nato para os meninos, na sua sala de aula improvisada.

Ainda em 15 de junho de 1537, Vasco Fernandes Coutinho assinou alvará de doação da Ilha de Santo Antônio para Duarte Lemos.

Todos os portugueses tinham espírito aventureiro. Em suas ações, o que predominava eram a ganância e o desejo de riquezas fáceis. Não pareciam afeitos ao trabalho da lavoura.

O Espírito Santo era ainda uma sociedade povoada por escravos, sejam eles índios e mais tarde a de negros, quando chegaram os primeiros colonizadores em Boa Família.

A busca por esmeraldas ao norte da capitania do Espírito Santo que mobilizava recursos muitos anos antes, ainda continuava. Muitos militares e também colonos portugueses, impelidos pelo desejo de enriquecimento fácil, se aventuravam pelo litoral, e depois seguiram para o interior, embrenhando-se pelas matas, desbravando

florestas, geralmente seguindo os principais rios.

Só no século XVII que Francisco Gil de Araújo, donatário da Capitania do Espírito Santo, organizou expedições exploradoras que adentraram pelo território à procura de riquezas.

Em 1812, Francisco Alberto Rubim, foi nomeado Governador do Espírito Santo, pelo Príncipe Regente Dom João.

Para defender a colônia, Dom João inaugurou o movimento migratório europeu. Iniciou aí, uma nova fase econômica e as enormes áreas abandonadas se tornaram povoadas e mais tarde formaram as fazendas de café.

Mas é preciso recordar que ainda todo este progresso econômico se fazia sentir mais no litoral, principalmente ao sul, onde existiam terras virgens cobertas de florestas.

O Espírito Santo chegou até ao século XIX sem avanços econômicos significativos.

Mesmo com o aumento expressivo da cultura do café, o Espírito Santo continuava isolado.

A história da cidade de Boa Família começou com uma pequena comunidade indígena que vivia às margens do Rio Santa Joana e seus afluentes.

Com o passar do tempo, por volta de 1882, chegaram os portugueses vindo de Cantagalo, Rio de Janeiro.

A terra isolada e quase sem valor, atraiu imigrantes de todas as etnias, que chegavam com seus escravos, e escravizavam os índios.

Por esta época o governo distribuía terras com mais de 50 hectares para Senhores que se destacaram pela bravura na

Guerra do Paraguai.

Meus avós eram bravos guerreiros defensores da Pátria e vieram em expedição para a colonização das terras férteis do oeste capixaba.

Eles foram desbravadores que construíram o nosso País.

É verdade que alguns eram cruéis, saquearam aldeias indígenas escravizando índios.

O crescimento da economia cafeeira contribuiu para o crescimento do Espírito Santo. Mas o café, que já se desenvolvia ao sul, só mais tarde começou a ser plantado em Boa Família, que ainda não tinha grande capacidade para produzir excedentes. O colono só produzia para seu sustento.

- Você viveu nesta época? Purumé – quis saber o Doutor.

Eu nasci nesta época, quando a sociedade era formada por portugueses, índios e negros.

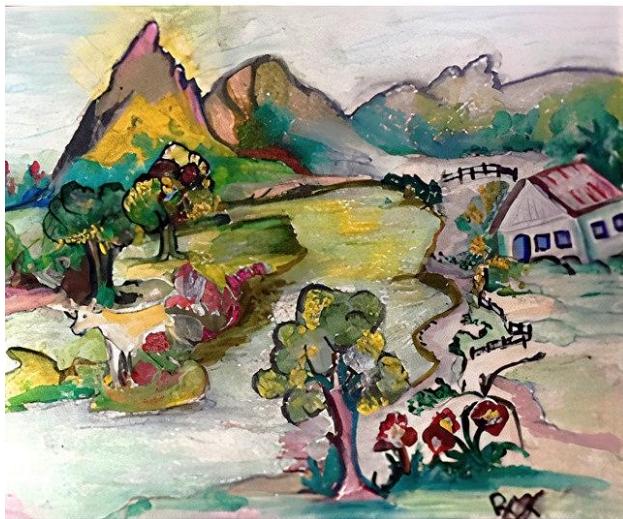
Os imigrantes eram muito ligados ao campo. Os fazendeiros abriram clareiras na floresta, construíram suas moradas, começaram a plantação de cereais e a criação de pequenos animais para o sustento das famílias. Tudo se produzia com mão de obra familiar. E a fonte da alimentação vinha também desta força de trabalho.

Somente os ricos coronéis possuíam escravos.

CAPÍTULO III -

NOSSO COMEÇO EM BOA FAMÍLIA

*Bendita a terra que acolhe
o pobre, o rico, e qualquer
filho e amigo e, recolhe,
quem não seja paquequer.*



A história começa em um dos cabeços do Santa Joana, que vem lá da Serra do Caparaó. O Grande Rio vem engrossando suas águas com águas de outros mananciais.

No seu curso de muitas léguas vai banhando vilas e fazendas, saltando cataratas, enrolando que nem serpente em pau d'alho, até espreguiçar-se majestosamente no Rio Doce.

Uma tapera plantada à beira do rio, não estava ali por acaso. Ali eu nasci, era morada do português o Fortunato Antônio de Carvalho, o Nato, meu avô.

Ele era grande contador de causos e guardador de preciosas histórias e relatos.

Eu me lembro de suas histórias e vou contar todas para você.

Eram velhas histórias de seus antepassados. Contava por contar, para quem quisesse ouvir e sempre começavam assim:

Através dos tempos os homens se reuniram e formaram comunidades para obter segurança. As guerras e conflitos decorriam da falta de um poder superior ausente que fosse capaz de garantir o entendimento. Os homens são todos iguais, daí desejavam direitos iguais.

Começaram as disputas e conflitos entre os agricultores da região

Em Boa Família não foi diferente.

Sendo eu neto e admirador de Seu Nato, desde menino me plantava aos seus pés, ia guardando tudo na cachola.

Nasci em Portugal, continuava meu avô, na cidade do Porto, mais precisamente no distrito de Portela, entre vinhas e vinhedos. Desde cedo ajudava meu pai na lida do campo.

Em meados do século XIX ocorreu uma grande praga em Portugal que destruiu muitas vinhas, principalmente em Portela, distrito de Porto, em Portugal.

Esta praga levou todos os fazendeiros à ruína. A

indústria vinícola portuguesa faliu.

Mesmo considerando a igualdade do ser humano, percebeu-se que, a luta pela terra, enquanto ocorre uma situação de conflito, o mais fraco, através de ciladas ou de alianças com outros, conseguia matar o mais forte.

A morte das vinhas era um mistério e o pânico se instalou.

A praga chegou à região do Douro por volta de 1860 e trouxe com ela muita miséria.

Muitos fazendeiros tentaram resolver o problema por si mesmos e todos lutavam entre si para a garantia da própria sobrevivência.

Em desespero, os fazendeiros usavam todos os produtos químicos e pesticidas conhecidos na época. Mas a praga era resistente a todo e qualquer produto conhecido.

Alguns até prenderam sapos debaixo das videiras com a esperança de que o bicho comesse o tão forte e desconhecido inimigo. Outros atraíam e deixavam em liberdade as aves da capoeira, na esperança de que comessem os insetos predadores.

Nesta época de pactos e de palavras vazias, sem mais forças para defender a família, meu avô resolveu vir para o Brasil com toda a sua família, em busca de trabalho, segurança e estabilidade econômica.

Muitos outros conterrâneos também optaram pelo Brasil, devido à falta de trabalho em sua terra natal e as promessas de trabalho e riquezas que o governo brasileiro oferecia.

Chegamos no Rio de Janeiro, e ficamos por alguns

meses. Foi um período de muita luta contra doenças e a fome. Lutamos pela sobrevivência, defendemos a Pátria que nos abrigou e por merecimento recebemos uma sesmaria de terras inexploradas ao oeste da capitania do Espírito Santo.

Resolvemos partir com uma expedição que vinha explorar as terras devolutas da região e nos instalamos nesta sesmaria que nos pertencia.

A partida foi de Cantagalo no lombo de burros, seguindo picadas no mato e guiados por um índio acostumado na selva, chegamos ao Rio Doce. Outros imigrantes já estavam instalados às margens do rio.

Resolvemos explorar o Rio Lage e encontramos o Rio Sobreiro e mais ao sul apareceu o Rio Santa Joana com todo seu poder. Pelo caminho as famílias foram se instalando e formando fazendas, que mais tarde prosperaram e formando vilas e povoados.

Eu era jovem. Nossa família construiu um tosco casebre na localidade que, naquela época, ainda pertencia ao município de Afonso Cláudio.

Ali, ao lado do Grande Rio, enfrentamos grandes lutas: a resistência dos índios, as doenças desconhecidas e disputas entre os próprios companheiros. Além destes enfrentamos desafios, tivemos que usar os poderes de convencimento que recebemos com a carta de doação e empregar, nesta nova terra, todas as economias que recebemos como prêmio por nossa coragem em defender a nova Pátria.

A região progrediu graças a fertilidade da terra, aliada ao trabalho dos imigrantes. Surgiram as primeiras fazendas.

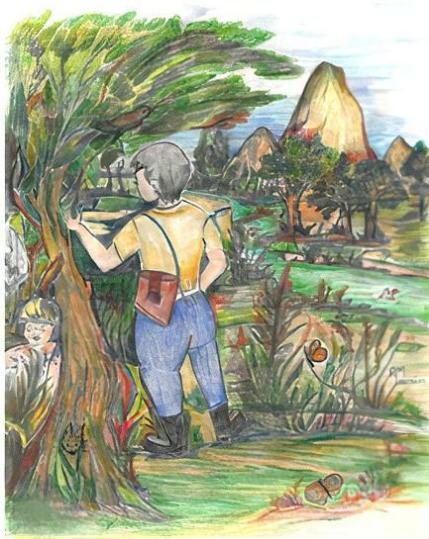
A família Nato iniciou a construção de uma igrejinha em homenagem à Nossa Senhora do Menino Jesus e agradecia ao Senhor toda graça recebida.

Outros portugueses fixaram-se às margens do rio Santa Joana e seus afluentes.

Ainda menino eu ouvia a história da chegada dos colonizadores portugueses, Francisco da Silva Coutinho, Antônio Gonçalves Ferreira, Major José Vieira de Carvalho e José Teodoro de Andrade que trabalharam muito nestas terras.

CAPÍTULO IV - NASCI

*Numa pequena casinha
por mãos da negra parteira,
nasceu criança fraquinha,
e morreu mãe parideira .*



Purumé jovem, desenho da autora

Quem buscar a velha morada ainda vai encontrar ali, muitas lembranças contadas, guardadas e reviradas nas lembranças de uma geração, guardadas num alçapão.

A casa ficava perto de uma imensa figueira que de tão grande, se espreguiçava calmamente, com toda galharia, espichando-se até atravessar o leito do riacho Portela. Dia inteiro frutinhas roxas caíam para alegria dos piaus, dos lambaris, dos mandis, bagres e outros peixinhos menores.

Ali eu nasci, nesta pequena tapera, nas proximidades do

rio Santa Joana. Eu era considerado um belo representante da raça lusa, orgulho dos portugueses, primeiro brasileiro nato da família. Nasci bem ali na beira do Santa Joana, onde construíram rico legado para a história do lugar.

Mais tarde viram que a terra era boa, tudo que se plantava produzia.

A paisagem ao redor desta velha tapera se estendia pelas montanhas dos confins, via-se bons pastos, a terra boa para café, e as imagens que há em mim, são agora lembranças sem fim.

Tapera de arraial, na beira do Santa Joana, estendendo-se para os lados do Sobreiro viu nascer toda a prole de brasileirinhos, filhos e netos do seu Nato.

Às vezes, eu pensava que a mais rotineira ocupação não existia. Plantar, colher, enxada e facão?

Não queria não.

Desde moleque assuntava a natureza. O caminho dos beija-flores, o trabalho do joão-de-barro, o buraco do tatu... a pesca de mandi... a escalada das montanhas.

- O que você mais admirava nas pedras do lugar?

Ah! A escalada da Pedra da Onça!

Nem me lembre!

Um lugar muito tranquilo, lindo.

A qualidade das rochas e a riqueza da fauna e flora, me instigavam a subir, a subir cada vez mais. O meu objetivo sempre foi explorar o lugar e apreciar suas belezas. Subir às alturas.

Ia escalando, agarrando-me em cristais sólidos porque a região apresentava uma grande quantidade de fendas.

A riqueza natural era motivo de muito orgulho. A vista é linda! Via-se todo o Caparaó ostentando os Cinco Pontões.

Ah! O Cinco Pontões! É hoje o paraíso dos esportes radicais escondido em Itaguaçu, onde a natureza intacta dita as regras.

Fiz uma trilha na Pedra da Onça para sempre voltar lá. É local que deve ser preservado como uma das mais belas das regiões capixaba. Um dia volto lá.

Do rio eu conhecia tudo: ponto de ceva, corredeiras e rebojo. Para a pesca de piau tinha dois anzolões fundo de agulha e uma rodilha de boa linha de aço trançado que consegui em minhas expedições pelas montanhas do lugar.

Tive que inventar a melhor maneira de pescar por causa do tipo e quantidade de cardumes.

Observando a pesca feita pelos indígenas, em canoas de um só pau, aprendi cercar com redes, os cardumes. Então eles podiam ser puxados até águas rasas, ou usando porrete, varas ou anzol. A pescaria era sempre farta.

No rio aprendi a pescar com rede e flecha, comecei a navegar em canoa de um pau.



Joguei bocha no campo,
feri a terra com ferrinho,
do dedo tirei um tampo,
fiz caldo verde, verdinho.

Fui feliz e não sabia!

Buli castanha na terra
fiz do cascalho uma bola,
colhi comida na serra,
eu conheci tatu-bola.

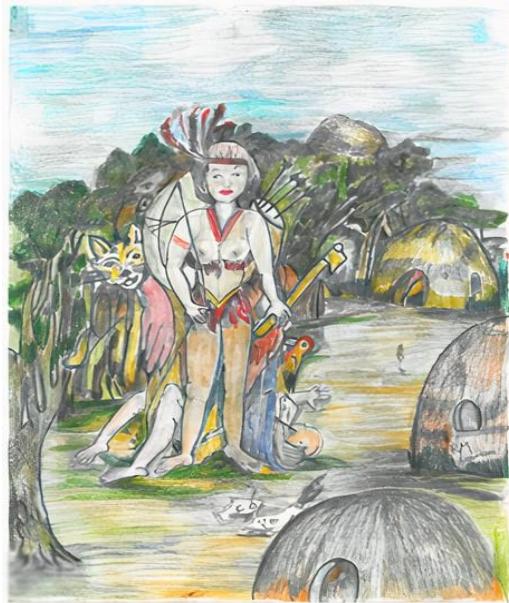
Fiz amigos, fui bom amigo.

Um pinhão era belisca,
Inhame era cortesias.
Eu corri atrás da boa isca
por matas e cercanias.

Fiz amigos, fui bom amigo.
Fui feliz e não sabia!

CAPÍTULO V - KAUANA

*A guardiã de meus segredos
Kauana de meu amor,
guerreira dos botocudos,
seus beijos têm mais sabor.*



Kauana, desenho da autora.

Eu exaltava todo e qualquer riacho, todo bicho que é igual, toda gente que passava pela aldeia.

Naquela época, a propriedade era passada do pai para o filho mais velho e, eu como o mais novo, fui forçado a procurar outra maneira de ganhar a vida. Então, eu me voltei para a exploração dos rios, das florestas e morros da Região. Cuidava também de animais de fazendas vizinhas.

Em contrapartida, sempre que voltava à civilização, cuidava dos cavalos dos coronéis e fazendeiros da região.

Com um pente grosso, limpava o pelo dos animais

removendo a lama e outras sujeiras, banhava nos dias quentes, penteando a juba com pente de dente largo.

Eu exaltava todo e qualquer riacho, todo bicho que é igual, toda gente que passava pela aldeia.

Naquela época, a propriedade era passada do pai para o filho mais velho e, eu como o mais novo, fui forçado a procurar outra maneira de ganhar a vida. Então, eu me voltei para a exploração dos rios, das florestas e morros da Região. Cuidava também de animais de fazendas vizinhas.

Também ferrava os cavalos para proteger os cascos do desgaste do dia a dia. Foi uma técnica ensinada por um parente meu.

Este era o meu ganha pão.

Do rio conhecia segredos, da mata eu ainda conhecia pouco.

Em Boa Família, no coração da Mata Tropical, ainda preservada, encontramos raridades da fauna e da flora e também muitos perigos.

Subia no alto de árvores gigantes para avistar animais diversos que bebiam tranquilamente a água dos rios da região.

Dentro do rio peixes de várias espécies eram a festa de pequenas aves. Pássaros mil viviam lá e nem se preocupavam com a presença do homem.

Uma das principais atividades dos moradores era a pesca para garantir a alimentação.

A produção agrícola e a horta familiar, garantia do sustento da família.

Ninguém estava preocupado em conservar o rio. O

volume das águas e os peixes eram muitos, naquela época.

Mas hoje, esta realidade é outra. Com o rio vazio, a quantidade de peixes vem diminuindo ano após ano.

Um horror!

Certa feita, ao escalar a Pedra da Onça, avistei uma jovem indiazinha, adorável se banhando no rio. Isto era natural da mata virgem, lá pelas bandas do Caparaó. Ela pescava nas margens do Santa Joana e banhava-se. Há dias eu esperava ver novamente, aquele inocente espetáculo.

Não era nosso primeiro encontro. Das outras vezes, sempre que me aproximava, ela fugia.

No momento, ela estava sempre só e, desta vez, ficou ainda assustada quando me viu e fugiu.

Distraído, eu estava no útero da mata, na galha verde da figueira, no ventre da vida. Acima da terra, céu, abaixo do céu, sol e atrás de mim a onça.

Enternecido eu sorria, enquanto a menina corria e dançava, pescava e colhia. Cantava feliz na língua Tupi.

Respirei fundo o ar puro com cheiro verde que emanava das montanhas, olhava as encostas gramadas, quando escutei um barulho estranho. Cada vez uma respiração mais forte e mais perto.

Eu me virei e vi a grande onça se aproximando, boca arreganhada bem aberta, rosnando e mostrando seus dentes afiados, já embaixo da figueira.

Com suas fortes mandíbulas, as onças atacam geralmente a cabeça e o pescoço do animal que pode morrer na hora.

E a onça engabelava e chegava de mansinho.

Predadora do topo da cadeia alimentar, a onça tem cardápio variado. Come de tudo que é bicho que encontra.

Se faminta, pode atacar o homem.

Logo apareceu um tamanduá-bandeira, animal tranquilo, pesadão, que detesta onça. Enfrentou a bicha.

O embate durou uns dez minutos e mamífero afastou o felino e me salvou do perigo iminente.

A onça rugiu e saiu corcoveando pela mata e desapareceu na gruta da pedra.

Era um animal espetacular.

Espantada com os urros, a indiazinha chegou perto e observou tudo e quando o vitorioso tamanduá se afastou, ela veio ao meu encontro.

Desci da árvore, me aproximei calmamente da indiazinha e, cuidadosamente para não espantar, tomei atitude de bons amigos, e consegui me a aproximar dela.

Fizemos amizade e passamos a nos encontrar na mata ou no rio.

Em pouco tempo comecei a entender um pouco do que ela dizia.

Soube que se chamava Kauana, a guardiã de meus segredos, a luz nas minhas sombras. Se digo que morri de amores, ninguém pode me contestar.

Não era mais tão criança quando fitei os olhos da menina, e senti seu corpo adolescente e a sua pele era translúcida.

Carreguei sentimentos com gosto e rebeldia.

De repente nossos corpos se aproximam, nossos olhos se fecham, os lábios se tocam e assim selamos nossa amizade.

A ninguém mais ousei revelar.

Para nós, filhos da mata, todo dia é dia de Kauana a Dama da Serra, Senhora do Caparaó, Kauana que me

ensinou verdades e me fez ser um humano melhor.

Mais tarde Kauana revelou que era uma virgem índia da tribo dos botocudos escondidos nas pedreiras do Caparaó.

Ela possuía as faces rosadas e a beleza de uma mimosa flor.

Também descobri que era irmã de homens guerreiros, neta de índio trabalhador que trazem do mato a semente que criou raízes, para a terra prosperar.

A tribo do Caparaó sempre esteve ali desde antes da chegada dos primeiros habitantes portugueses.

Com Kauana aprendi a língua Tupi, escalei montanhas, desbravei florestas. Cada pedra era um desafio irresistível.

Da grande mata descobri segredos e mistérios. Conheci a diversidade de plantas, insetos e répteis.

Se a gente se perde na mata, dizia ela, corre riscos, se arrisca. É preciso ser cauteloso e se orientar pelos animais e gritos da floresta.

Criar caminhos, marcar trajetos com calma.

Atenção! É preciso conservar a capacidade de agir em caso de ataque de feras, da onça que reside nas cercanias.

Kauana foi minha amiga, luz do meu caminho, meu amor e minha protetora na mata.

A Serra do Caparaó é uma muralha que corta a capitania do Espírito Santo de norte a sul. Corta Boa Família pelo oeste e de lá se vê até o fim do mundo, se subir o Cinco Pontões.

Foram estas pedras em cadeia, que saem do chão e sobem centenas de metros formando cinco pontas altaneiras, que construímos aventuras por minha vida.

Quando vivi em Boa Família, pude observar o ciclo da

vida, o valor da água a se arrebentar entre pedras e rochedos, a matar a sede de gentes e bichos.

A vida me presenteou com os olhos de Kauana que se misturavam com a cor da natureza, olhos de um marrom verdejante.

O som do seu respirar embalava meus sonhos de adolescente e fazia todo o meu corpo tremer, despertando desconhecidas sensações.

Aovê-la desnuda, entre escarpas verdejantes, eu admirava sua beleza pura, intacta, linda, majestosa a dominar a mata, a conhecer os segredos de bichos e das plantas.

Com ela conheci a razão dos índios viverem longe da civilização. Viviam protegidos nas matas por causa das experiências violentas que tiveram em defesa da sua terra, dos encontros com exploradores e da contínua invasão e destruição das florestas.

Kauana, guerreira da tribo dos Botocudos do Caparaó era filha de índios hostis e belicosos. Eles provavelmente foram quase massacrados pela ganância do homem branco que lhe tiravam o valor, trouxeram sofrimentos e conservam, até hoje, preconceitos que geram muita dor.

Quando da formação das fazendas de café, foi preciso derrubar matas e assim iniciou novo genocídio de índios e a expulsão deles de suas terras naturais.

A tribo de Kauana resistiu o quanto pode, mas foi, quase toda, cruelmente massacrada por pistoleiros contratados por fazendeiros.

CAPÍTULO VI - MARGARIDA

*Ó Mulata tão brejeira,
és fogo, também paixão
carícias que me consomem
e arrasta meu coração.*



Margarida, desenho da autora.

Houve um tempo que conheci Margarida. Já era mocinha, quando ela veio com Mãe Joana, morar na fazenda do Vovô Nato. Margarida trabalhava servindo a mesa, era moleca de recados, cuidava dos filhos do patrão,

picava inhame para os porcos, buscava verduras para Sinhá. Era pau pra toda obra.

Mãe Joana, era uma negra alforriada que veio morar na fazenda para costurar e cerzir a roupa de todos.

Margarida conhecia a capoeira como ninguém! Era lá que sempre se escondia para se furtar das obrigações e aprontar suas diabruras.

Corria pela campina, subia nas goiabeiras, colhia manga madurinha no pé.

Era muito alegre em sua pobreza. Sempre de pés no chão, porque não tinha calçados, vestia roupa usadas da Sinhazinha Margarida comia sentada no chão, ao lado do fogão. Agradava os animais dando os restos de ossos para os cachorros das redondezas.

Moleca sapeca, levada da breca, sempre compartilhava comigo das estripulias correndo pelas terras da fazenda.

Ela me fazia esquecer o tempo, quando a solidão batia.

Na campina, pés descalços, faz arruaça, descobre segredos, arma arapucas e não nega a força e fogo da sua raça.

Sempre arteira, com seu vestido surrado ou de chita barata, da venda do Senhor, é de muitas risadas e trapalhadas.

Come goiaba madura tirada do pé, sobe na mangueira para colher manga de vez, põe selo no cavalo, galopa como ninguém.

Parece uma gazela no cio.

Não chora nem clama se lhe falta afeto ou se na queda o joelho ralava. Não sabe ler nem escrever porque ninguém

ensinou. Mas sabe da vida e decifra os segredos na palma de minha mão.

Ás vezes parece um anjo negro sem asas. Outras, é só provocação e não conhece o medo de bicho papão.

É barulho de pássaro em movimento, é que nem gavião em busca de novas presas. Conhece o sabor do mel e tudo do fazer amor. Sabe da dor da vida que lhe é imposta e aprecia o prazer de se oferecer mulher.

Dança capoeira e foi madrinha deste jogo jogado.

Aprendeu a ginga e o berimbau lhe ensinou a cadênciа marcada. A música se formou livre em seu caminhar.

De repente nos vimos crescidos.

Margarida que não é santa, nem dama, vem sempre me acariciar.

Quando seu olhar de mocinha feita se ilumina e pede minha boca, o desejo contamina tudo e a vida se torna pequenina, um sussurro só.

Na grama é mulher e se torna insana, sem pudor, geme, é chama, geme e chora.

É fogueira que incendeia.

A flor do sexo despetalada, macia ao desdenhar do meu fogoso sol, é subjugada ao meu calor. Então esmaece em meus braços.

Com tristeza vejo o tempo que passou e minha voz a se calar.

Mais do que isto, só largava quando a Princesa Mocinha Cecília aparecia.

CAPÍTULO VII - CECÍLIA

*Vida doída! Sem flores,
até quando será feita?
Só de perdas, e de dores
pode a vida ser perfeita?*



Cecília, desenho da autora.

Carvalho Pitanga e companheiros vindos do sul do País, chegaram a Minas Gerais, seguiram a picada deixada pelas tropas militares portuguesas. Encontraram as ruínas de um quartel abandonado, em terras capixabas, às margens do Rio Doce, construído pelos

militares da coroa, para proteção da região das minas gerais.

A expedição estava a caminho de Porto do Souza onde um navio chegaria com sal e querosene.

As primeiras pessoas que vieram para explorar e ocupar as terras devolutas, até então só cobertas de matas e habitadas por índios, trouxeram nas bagagens mudas de cana de açúcar.

Enquanto aguardavam o carregamento do sal e querosene, começaram a explorar as redondezas e verificaram que as terras eram férteis e ali se fixaram.

Plantaram cana de açúcar e iniciaram a criação de gado.

Com o sucesso da lavoura da cana de açúcar na região, muitos fazendeiros expandiram suas fazendas para além das baixadas do rio Doce, principalmente pela sua margem direita.

Exploraram Guandu, rio que irriga toda a região até encontrar o Rio Doce.

O rio Guandu nasce no município em Afonso Claudio, Estado do Espírito Santo, é um dos afluentes do Rio Doce, pela margem direita.

Chegaram até o rio Lage, o Sobreiro e finalmente encontraram o Santa Joana, principal afluente do Rio Doce, pela margem direita, e ali se fixaram, próximo das terras indígenas.

Os exploradores da comitiva, desceram os rios da região, até que chegaram a uma localidade, próxima do

Rio Santa Joana e fundaram o vilarejo Figueira do Santa Joana, mais tarde, Boa Família.

Com a qualidade da terra e o clima ameno, ali ficaram, cada um, em seu quinhão. Fizeram roçado, construíram casa, se instalaram com a família e tiveram filhos em terras capixabas.

Povoaram a região.

Iniciaram a plantação de café usando a mesma tecnologia empregada pelos agricultores, nas plantações fluminenses.

O café era secado nos terreiros e ensacado no interior das fazendas. A maior parte ainda era para o uso familiar.

O excedente era transportado em lombo de animais até Itapina, de onde descia em canoas pelo Rio Doce, para o Porto de Vitória. Mais tarde, chegaram na região, os primeiros exportadores que começaram a usar o Rio Sana Joana para o transporte do café e de madeiras retiradas das matas da região.

O ambiente neste final do século XIX, na Coroa, era iluminado por lamparinas e castiçais. As poucas louças, talheres, copos e roupas que os portugueses trouxeram na bagagem marcavam bem a época da cidade do Rio de Janeiro.

O “coroné” Carvalho Pitanga, era o pai de Cecília. Proprietário da fazenda Lage, era de muitas posses.

O casarão da fazenda era de muito luxo, os cafezais cresciam depressa. O Coroné esperava uma primeira

safra, já para o próximo ano.

Fazendeiro bem afortunado, era irmão do Major Carvalho Pitanga. Vieram do Rio de Janeiro na expedição que partiu de Cantagalo, com destino ao rio Doce.

Numa das fazendas havia até uma carruagem, também chamada de cabriolé, puxada por um cavalo.

Possuía uma capota fixa e era usada pela burguesia da corte. Dizem que veio de navio vindo do Rio de Janeiro, subindo o Rio Doce.

Como não existiam estradas nem ruas no lugar, a carruagem, sem serventia, foi abandonada e passou a ser usada como ninho das galinhas.

Em contraste com a vida dos fazendeiros ricos, as senzalas eram escuras e sujas. Algumas fazendas ainda hoje ostentam grilhões de pé, grilhões de pescoço e outros instrumentos usados para castigar escravos.

Carvalho Pitanga, “o coroné” como era conhecido logo enricou. Sua fazenda era de muito luxo, os cafezais da fazenda estavam crescendo com força. Era café de dá dó.

Café de vargem e café de altura, era café para todo lado.

Conheci Cecília, quando saí com Margarida, para explorar as redondezas.

- Este foi o seu primeiro e grande amor, não é Purumé?

E como você viveu depois?

A princípio, a menina Cecília era apenas como objeto de desejo, imagem longínqua no meu imaginário.

Eu me apaixonei depois e passei a observar o rosto da amada na janela, enquanto ela secava os cabelos em seus trajes caseiros. Ela se assustava com seu chamado e sumia.

Que seu pai não há de ver, pensava.

Precisava criar um plano para conquistar o coronel e assim me aproximar da mulher amada.

Contava com o auxílio de Margarida. Cecília era filha única de Caminha Carvalho Pitanga. Menina mimada, filha de “coroné”, de fazenda de muito luxo.

Menina meiga e mimada vive tão animada, entusiasmada até, parecia que sempre via passarinho verde na fruteira!

Garota forte e independente era verdadeiramente bela.

Não é ingênuia, nem infantil. Mostrava-se muito inteligente e sonhadora. Alta, morena, magra, de pele clara e lábios rosados e olhos azuis.

Desde garota brincava de casinha e sonhava com um príncipe que viesse para sempre visitá-la.

Corre pelas campinas, busca flores para os jogos, entre brincadeiras infantis, sempre acompanhada de sua mucama.

Certa feita, soube por Margarida que Cecília sairia com sua velha e constante companheira para um passeio pelas cercanias da fazenda.

Este era o momento certo para rever Cecília e me aproximar dela. Sai correndo pelas estradas da fazenda e esperei debaixo da mangueira velha. Ela sempre parava ali para descansar.

Avistei Cecília e me aproximei. Começamos uma amizade e juntos permanecemos inseparáveis até que descobrimos que era amor verdadeiro o que nos unia. Embaixo da frondosa mangueira o amor desabrochou e cresceu.

Cresceu tanto que mal cabia no peito.

Que grande amor! Destes abençoados, rompantes, eternos. Os encontros eram sublimes como todo primeiro grande e inocente amor. Encontro às escondidas. Beijos roubados, carícias mil.

Que seu pai não há de saber.

Mas viu e proibiu!

A filha única era muito amada e a coitada obedecia o pai em tudo. Mas e o nosso amor? Amava e era amada por seu príncipe apaixonado.

Fiquei só.

Quando perdi meu grande amor, a vontade era sair pelo mundo com as pernas que Deus me deu.

Este amor verdadeiro, proibido pelo Coronel, pai da moça, foi me invadindo, todo o corpo toda a alma, fui vencido pela doença do amor perdido.

Desiludindo da vida, me fiz um pobre diabo, caboclo morador no mato, no meio da bicharada. Solitário na pobreza e de aparência desleixada, barba sem fazer.

Quando aparecia na vila procurava a pinga e pegava logo uma prosa.

Mesmo diante da dor, mesmo com o coração partido, conservei os amigos da mata e na vila. Era conhecido pelas minhas esquisitices.

Homem feito eu me tornei um homem sofrido, alto, um magrelo desengonçado que parecia até um Dom Quixote atrapalhado.

Que nem eu, um matuto solitário.

Muito quieto quando estava na mata, observava a jacupemba-presa-da-onça-pintada, o joão-de-barro engenheiro da floresta, os beija-flores e conhecer seus hábitos.

Depois de um trago, me tornava um falador, contador de causos como o velho Nato. Como meu avô me ensinou, chegava na cidade, proseava... proseava... escutava e escutava... que nem ele fazia.

Tinha estudo de casa, muita vivência de mata, alguns amigos, trabalho certo como meu avô ensinou a contar causos.

Era ótimo ferrador de cavalos, como um nosso parente me ensinou.

Era este o labor que me dava o sustento nos dias perdidos nas matas.

- Conquistou a confiança do coroné?

Se conquistasse a confiança o Coroné, conseguiria me aproximar da menina Cecília.

A casa do Coroné foi construída para ali viver com

sua família. Parecia um castelo intransponível.

A moradia era servida por muitos criados e serviçais. A propriedade estava localizada às margens do Rio Sobreiro, um dos afluentes do Rio Santa Joana.

De acordo com modelo da época, os criados são dependentes dos Coronéis e juravam fidelidade eterna a seu Senhor que os defendia e alimentava.

- Em paralelo a esta luta, um jovem apaixonado, estava sempre vigiando a Cecília, não é Purumé?

Certa feita, fiquei sabendo por Margarida que Cecília sairia com sua velha, depois de muitos dias de prisão, com sua mucama para um passeio pelas cercanias da fazenda.

Este era o momento certo para rever Cecília. Sai correndo pelas estradas da fazenda e fui esperar debaixo da mangueira velha.

Avistei Cecília em seu balanço da mangueira. Que visão! Parecia sonho!

Que grande amor era o nosso! Destes abençoados, rompantes, eternos. Os encontros eram sublimes como todo primeiro amor. Encontro às escondidas. Muitos beijos saudosos, carícias há muito contidas.

- Mas, e o Coronel já não sabia do amor?

Embaixo da frondosa mangueira o amor explodiu, incendiou almas e corpos.

Cresceu, cresceu que detonava o peito e enrijecia o corpo.

Mas as coisas não deram certo e o mundo começou a

desmoronar para os amantes. Cecília se foi para nunca mais voltar.

Sentado debaixo daquela mangueira, agora só me pus a pensar nos meus padecimentos, acariciando lembranças do grande amor.

A menina Cecília, filha única e muito amada, partiria desconsolada, triste a coitada, porque amava e era amada de príncipe encantado.

O Coroné descobriu nosso novo encontro de amor e prometeu Cecília em casamento a um velho português rico que a levaria para morar bem longe.

Perdi meu grande amor, pensei!

A vontade era sair pelo mundo com as pernas que Deus me deu. A dor deste amor verdadeiro, proibido pelo Coroné, pai da moça, foi me invadindo, tomando todo meu corpo, toda a alma, fui novamente vencido, pela doença do amor perdido.

Desiludindo da vida, me vi um pobre diabo, caboclo morador no mato, no meio da bicharada. Solitário na pobreza e de aparência desleixada, barba sem fazer, aparecendo na vila só quando a pinga acabava ou para um dedo de prosa.

Mesmo diante da dor, mesmo com o coração partido, conservei os amigos da mata.

Depois de homem feito, sofrido, alto, um magrelo desengonçado que parecia até um Dom Quixote atrapalhado, um matuto solitário, de mente enrolada.

Muito quieto quando estava na mata, observava a

jacupemba-presa-da-onça-pintada, o joão-de-barro engenheiro da floresta, os beija-flores e conhecer seus hábitos.

Depois de um trago, eu me tornava um falador, contador de causos como o velho Nato. Como meu avô me ensinou. Quando chegava na cidade, eu proseava... proseava... escutava e escutava... que nem vovô Nato fazia.

Eu tinha estudo de casa, muita vivência de mata, alguns amigos, trabalho certo mas não tinha mais Kauana, Margarida, nem Cecília e nem o avô para contar causos.

Era ferrador de cavalos, como um nosso parente. Era deste labor que retirava o meu sustento para os dias perdidos na mata.

- Partiu sem esperanças?

Porém um fato aconteceu por aqueles tempos, antes da partida de Cecília.

Começou uma revolta dos portugueses com os índios botocudos. O Coroné desejava as terras dos índios para ampliar suas fazendas. A guerra foi ficando cada vez mais tensa e o cerco dos índios botocudos chegou tão próximo da casa da fazenda que já estava muito perigoso para a integridade da família do Coroné.

Com Margarida ao meu lado, minhas e alçapão de um velho galpão de café. Tudo combinado.

Era só executar o plano.

Entramos no interior do casarão usando uma

passagem secreta. Era a única chance.

A moradia era suspensa por pilastras de madeira, fechada só na parte da entrada principal.

Entramos pelos fundos, atravessamos pelos ninhos das galinhas, e saímos no quarto de queijo. Adentramos um compartimento escuro com aranhas e baratas. Era bom esconderijo que ficava bem embaixo do quarto de Cecília.

Rompemos o piso de madeira e por ali fugimos levando Cecília.

Plano Perfeito. Chegamos ao paiol de café e aguardamos os acontecimentos.

Ouvimos um estampido de bomba. Com os reforços que chegaram da vila e a coragem dos capangas do Coronel, os índios foram massacrados.

As forças militares, chamadas pelo Coroné, explodiram barris de pólvora e muitos índios foram mortos.

Tão logo os tiros cessaram, saímos do esconderijo.

- Alice é devolvida aos pais e Purumé se tornou herói?

Sim, Alice foi salva, mas nada amoleceu o coração do pai da moça.

As coisas não deram certo mais uma vez. O amante sentiu o mundo a desmoronar para os dois jovens apaixonados.

Todos estes acontecimentos encheram meu coração de preocupação e tristeza. Parti triste e cabisbaixo na tentativa de salvar algum índio ferido entre os da tribo derrotada.

Agonizando por entre cadáveres, encontrei Kauã, o irmão de Kauana. Ele me suplica para salvar a irmã ferida.

Percorrendo a mata conhecida, cheguei ao conhecido esconderijo, na Pedra da Onça. Pedras muito brilhantes ornavam corpo caído de Kauana. Eram pedras verdes de uma beleza sem igual. Pedras esverdeadas e muito brilhantes a ornar o corpo inerte de Kauana. Ela estava caída no chão do nosso esconderijo da mata, tentando salvar a riqueza de seu povo.

Agonizava.

Peguei algumas pedras e guardei no bornal como lembranças de Kauana.

Enterrei o corpo ali, no nosso precioso cantinho, tantas vezes visitado por nós e junto coloquei as pedras verdes.

- A morte sempre me assustou. Diante dela somos frágeis, falou o Doutor.

Tristeza, raiva, revolta, medo, ansiedade, desespero, tudo marcou minha vida.

É difícil acreditar que esta dor passará.

Lágrimas doídas rolam de minha face. Minha voz se cala. Mar de tristezas alagam minha alma enquanto meu corpo exprime uma dor atroz.

Índia bela, sol da floresta escura, perdoa meu povo que lhe tirou a vida.

A sua existência deu significado a minha vida, naquele dia que me amparou.

CAPÍTULO VIII - SAUDADE

*Os amigos lá se vão
e a vida a continuar.
Sem eles, meu coração
está em parte a soluçar.*

Dr. Manoel Alves, como bom psicólogo, gostava de mim. Tornamos amigos.

- Por que você diz que a birta e a prosa não faltavam em sua vida?

Perdi tudo na vida.

Margarida foi afastada de mim, levada para outra fazenda, bem longe daqui.

Cecília foi dada em casamento para outro homem e desapareceu com ele no mundo.

Kauana partiu para sempre, assassinada por capangas algozes.

As pedras que enfeitavam o corpo de Kauana eram tão lindas que resolvi esconder algumas delas em meu bornal.

As outras pedras ficaram escondidas lá na Pedra da Onça.

Busco na cachaça um motivo para esquecer dores e decepções da minha vida.

Prosa ainda é uma coisa que não faltava nesta Terra de Nosso Senhor Jesus Cristinho.

Bastava tomar um gole e a língua soltava e prosa boa

surgia plena e gostosa.

Difícil era encontrar um cara para tocar uma boa prosa.

Eu vivia sempre perdido pelas cabeceiras do rio, nos fins do mundo das florestas, ou explorando os morros e as baixadas!

Certa feita, entre uma birita e outra, ia relatando as histórias que meu avô contava, acrescentava um ponto aqui e outro tanto ali.

Quem conta um conto, aumenta um ponto.

Gostava de contar fatos de diversas culturas que construíram nossa história. Somos frutos da miscigenação. Nossa etnia é formada por histórias de índios sofridos como os da tribo de Kauana, de brancos caçadores de índios e de negros escravizados, como Margarida.

Os mestiços, todos bravos guerreiros, cuidaram da terra, criaram bichos para o corte.

Este nosso País é de tanta gente!

Mas é um só coração.

Sabia, de saber sabendo, que a história desta cidade começou com uma pequena comunidade de portugueses que vivia às margens do rio Santa Joana. Eram os homens valentes com suas famílias que desbravaram terras deste mundão.

Foram estes portugueses, meus antepassados, que criaram o primeiro núcleo populacional da região, às margens do rio Santa Joana. O rincão primeiro foi chamado de Figueira de Santa Joana. Depois, Santa

Joana, posteriormente o nome mudou para Boa Família e, finalmente, passou a se chamar Itaguaçu que significa Pedra da Água Grande: ITA (pedra) GUA (água) AÇU (grande). Pipillonne era o italiano dono da venda mais conhecida do lugar localizada na saída vila. Era ali o encontro de quem gostava de novidades. Casa simples, construção de pau a pique.

A área da casa abrigava a moradia e também um pequeno comércio, onde se encontrava de tudo.

Entre uma ferradura na pata do cavalo baio de Pipillonne e outro gole na boca da garrafa, a conversa ia fluindo, o papo ficava animado, o tempo ia passando e, a história sempre continuando. E eu repetindo o que contava meu avô.

Dizem que lá pelo ano de 1882 em diante, começou a chegar à região a imigração italiana, e tempos depois teve início a imigração alemã.

De acordo com a história contada e recontada pela boca do povo e pela boca do meu avô, e que esta terra há de comer, no ano de 1882, doze famílias vindas da Itália, vieram para Santa Teresa e depois, descendo a Serra, chegaram em Figueira de Santa Joana. Elas eram: Daleprani, De Martin, Fiorotti, Meneghel, Fardin, Coan, Rabbi, Toniato, Denardi, Perin, Mazzo e Bergamaschi.

Chegaram primeiro ao porto de Santa Leopoldina pelo Rio Santa Maria de lá para Santa Teresa, na esperança de dias melhores e de uma condição de vida digna.

Numa viagem de muito sofrimento, dificuldades, onde a morte, a desesperança, a dor e a tristeza tomavam conta de cada um. Chegaram em Caldeirão e mais tarde em Figueira de Santa Joana.

A localidade, a princípio, recebeu este nome porque era embaixo desta grande Figueira, às margens do Rio Santa Joana, que os imigrantes italianos marcavam encontro, ao descerem de Santa Teresa. A colonização, de portugueses, italianos e alemães, deixou profundas marcas na cultura capixaba. Também deixaram seu sangue, em nossa etnia.

Pipillonne interferiu para dizer que foi a fertilidade das terras aliada ao trabalho dos escravos e à operosidade dos imigrantes que a região progrediu.

Em 1881, o arraial recebeu a denominação de Boa Família e em 1914 Boa Família tem seu território desmembrado de Afonso Cláudio. Sua instalação se deu 1915 e, em 1921, teve seu nome alterado para Itaguaçu. Ainda lá por aqueles tempos, o café se destacou como a maior fonte de renda da região. Mais tarde, com a crise do produto e sua erradicação, foi necessária a diversificação agrícola

No dia 17 de fevereiro de 1915 foi instalado oficialmente o Município de Itaguaçu. As lideranças religiosas e políticas da região criaram para Itarana, a categoria de Paróquia, ficando para Itaguaçu o domínio político. A localidade ainda se chamava distrito de Figueira de Santa Joana, e ainda pertencia ao município de Itaguaçu.

O município de Itaguaçu é irrigado pelo rio Santa Joana, afluente da margem direita do rio Doce. Possui 87 km de extensão e drena uma área de 891 km². A nascente do rio Santa Joana está localizada no município de Afonso Cláudio. Com uma altitude de 1140 metros. Em seu percurso, o rio atravessa as comunidades de Figueira de Santa Joana e Boa Família, hoje Itaguaçu. O rio Santa Joana tem sua foz no rio Doce.

Toda esta região foi percorrida por mim. Caminhei palmo a palmo, desde a nascente do Santa Joana e vi por suas margens exuberante flora onde florescem mimosas sempre-vivas. Os ingazeiros se debruçam sobre suas águas beijando com suavidade o seu leito e protegendo aves com seus ninhos.

Em certa altura, pujante matagal se adentra por uma escavação protegida por um dossel verde de matizes variados pintado de amarelo, róseo, branco e vermelho. É por ali que eu gostava de descansar e pensar na vida.

Nestas horas de descanso, acariciava o meu bornal para conferir a minha riqueza misturadas com lembrança de Kauana. Tudo estava bem no fundo de minha alma.

As pedras preciosas que encontrei na Pedra da Onça, estavam ali. Tudo em ordem.

Eu começava a pensar de manhã, pensava até o escurecer.

Matagais dominam as margens do rio e a seguir se originam grotas, grotões e pequenos córregos que

serpenteavam por entre uma flora variada e opulenta.

Enquanto o rio Santa Joana vai avançando, com a escavação em suas margens, ele vai se alargando entre montes laterais que se destacam tomando formas arredondadas, chega a uma planície e encontra o rio Doce.

Eu ia matutando, sentado no galho do ingazeiro, seguindo as águas do rio, sentindo o frescor do vento que arrepia os cabelos. Estas águas são caminhos para cargas e descarga de mercadorias, com destino a outras paragens situadas às margens do rio Doce e quiçá, até Vitória.

E lá ia eu assim entregue em meus perdidos pensamentos.

O rio pode levar pessoas também! Um dia eu chego a Vitória!

Tão caudaloso o rio Santa Joana! Precisamos cuidar bem dele. Se bem cuidado e conservado vai dar água a vida inteira. Vejo ali lixo daquelas casas, boiando no rio.

Não é bom sinal!

A cerração oriunda das montanhas e florestas existentes no entorno, torna o rio mais branco no inverno.

O nevoeiro que vem da terra fria, nesta época do ano espanta os mamíferos trepadores. Eles sobem até o mais alto das árvores, procurando agasalho na copa fechada das árvores.

A saudade aperta.

O rio caminha.

E eu matutava enquanto curtia as emoções que caminhavam por meu corpo, ainda muito jovem!

- E o seu grande amor que se foi. Onde andará? E a tapera à beira do rio? Ainda chama atenção dos viajantes?

A tapera é uma modesta moradia de um colono português próximo ao desaguar do rio Sobreiro, está lá. Numa janela, eu me lembro. Havia um papagaio pousado sobre a cerca e acorrentado. O bicho papagaio era bem esperto ficava sempre a grunhar. Da pocianga distante partiam grunhidos e mais grunhidos de porcos que reclamavam sua ração do dia.

No terreiro os perus grugulejavam e faziam rodas enquanto as “tô-fracas” atacavam as galinhas com bicadas. Os gansos gracitavam sempre alertas à espera do milho que será atirado a todos.

Inté parece hoje!

Nesta altura observa-se cabeças que, rápido emergem e imergem, bufam, guincham e desaparecem em outros pontos. São as ariranhas fugindo com seus filhotes e com seus guinchos.

Os espiões íngremes do Cinco Pontões acercam o rio e lambe suas curvas. Nelas os camaleões irisam-se, correm por entre gravatás e liquens e depois conversam sob a sombra de cactos.

Eu observava, a muitos metros de altitude, a Pedra da Onça, localizada neste município. Esta pedra sempre atraiu exploradores. Mas fui eu quem encontrei a mina de esmeraldas.

Que beleza de pedra! Dizem, que religiosos movidos pela fé, por ocasião de uma grande seca, convocaram o povo para uma procissão rogando ao Senhor pela chuva e com intenção de, lá no topo da Pedra da Onça, construir um cruzeiro.

Sempre prometia a mim mesmo:

- Inda hei de salvar toda aquela riqueza.

Por volta de 1875 a 1880 comunidade de Boa Família continuou seu processo de formação com a chegada de outros desbravadores portugueses que se fixaram na região formando pequenas propriedades agrícolas.

Lá ia eu, confirmando em meus pensamentos.

Muito conhecido por minha experiência nesta arte de pescar, eu era o bom pescador no Santa Joana. Conhecia os melhores logradouros pesqueiros, mas só pescava para o meu sustento.

Sempre matutando, cuidando do sei lá mais o quê da vida, nem percebi que noite ia chegando cobrindo rio, matas e pedras, tudo com seu véu de escuridão.

E eu pensando sozinho.

Ali mesmo, que nem um bicho do mato, solitário, eu adormecia.

CAPÍTULO IX - CORAÇÃO FRACO

*Nestes túneis desta quinta,
tudo pode, só não pode
é ser bambo e dar na pinta,
nem falhar o seu bigode!*

Dr. Manoel Alves, como bom psicólogo, voltava sempre para me ouvir. A história dava até romance.

- Por que você diz que seu coração é fraco? Assombração perturbava seu sono?

Quando eu nasci, perdi minha mãe. Meu avô Nato me criou. Ele foi um anjo que me protegeu, mas quando se foi, me deixou perdido na vida.

Via as casas pintadas de azul e branco com janelas que pareciam me vigiar. Os homens com seus desejos, sentados em frente às biroscas, vigiavam o meu passar.

Vi casas que ficavam no morro com vista para o rio, algumas janelas pregadas, telhas esburacadas e o mato subindo pela janela.

Um velho mancando pelos currais, ouvidos atentos a qualquer ruído, ele saía para a ordenha.

Os burros cheios de pernas, seguidos pelos tropeiros, seguiam o guia no seu tilintar.

Meu coração simplório, de poucos amigos, não entendia nada.

Deus, meu Deus! Por que me abandonou?

Meu coração era tão fraco e nada sabia do vasto mundo que me engolia.

Só a lua me acudia do fundo da escuridão.



Quando cresci um pouco mais continuava ainda em Boa Família. De quando em vez, rumores lembavam os causos do Vô Nato e tomavam conta do lugar, principalmente na sexta-feira, 13 de agosto.

Era assombração na curva do angico, era mula-sem-cabeça relinchando à meia noite, ou o mistério do solar vermelho...

O casebre possuía um esconderijo. Era um porão com passagem secreta. Funcionava como esconderijo, com porta em alçapão, era refúgio da família caso fossem atacados por índios ou bandoleiros. Possuía pequenas aberturas para passar a carabina e impedir que salteadores se aproximassesem muito do local. Em tempo de guerra o fogo e o estampido dos disparos das armas envolviam o casebre. O colorido da fumaça avermelhada despertava o medo e é por isto era chamado de Solar Vermelho.

Nato se encarregava de alimentar o medo e difundir

suas histórias e misticismo. O povo do lugar passou a chamar o casebre de o Solar vermelho.

Existem muitas versões da Mula Sem Cabeça, dizia Nato. Uma conhecida é que mulher que namorasse padre, se transformava em Mula Sem Cabeça e que o encanto só se quebraria se alguém tirasse o freio da mula. Então a pecadora voltaria arrependida de seus pecados.

Conta a lenda que a transformação ocorre entre quinta e sexta-feira, pela madrugada, quando a mula sai em disparada pelos campos e destrói tudo que vê pela frente.

Pisoteando até pessoas com suas patas e relincha muito alto. Quando volta, volta em forma de mulher toda arranhada e machucada.

Era o terror da poverada.

Outro fato aconteceu num morro já meio pelado lá pros lados do angico. Uma bola de fogo se deslocava sobre a montanha e se elevava a considerável altura, por entre opulentos gravatás. Como uma sarça ardente, um cenáculo de espectros. Nada consumia, nem nada era consumido.

Contribuía para aumentar o medo de todos que passavam pelo angico.

Orações eram feitas, procissões se formaram para pedir proteção aos Céus. Cenáculos de espectros!

Horripilante!

Diante do facho ardente, todos se escondiam com medo de assombração.

Na história do nosso folclore, consta que a Pedra da Onça era lugar perigoso, guardado por assombrações. Certa ocasião, um temporal quase destruiu toda a vila e a Pedra da Onça foi encoberta por uma forte neblina, que durou vários dias.

Falava-se da existência de um tesouro deixado pelos jesuítas ou pelos índios quando fugiram do lugar e estava guardado por feras indomáveis. Elas eram as guardiãs e apareciam de todos os lados, como pretores do lugar.

E eu com as pedras no bornal.

Por esta estrada, às margens do rio ou por suas cercanias, as cruzes apareciam às margens das estradas por onde se andava. Era para espantar maus espíritos.

Em época que os jesuítas foram perseguidos pelo governo geral por causa da proximidade com os índios, decidiram ocultar tudo que tinham de valor: ouro, prata, pedras preciosas, baixelas, até paramentos. Saíam no meio da noite, enterravam tudo em lugar seguro. E para marcar o lugar plantavam uma cruz. Poderiam assim rever seus bens, quando regressassem em novas missões.

Mas, até hoje, ninguém tem provas de caso de alguém que tenha sido perseguido por alguma alma penada.

CAPÍTULO X - ASSOMBRAÇÕES

*Grilhões fecharam cadeias
feito euros enferrujados.
Heróis levaram candeias
para povos abençoados.*



Mas a verdade, é que as histórias contadas, permeiam o imaginário popular de muita gente.

O que vou narrar aqui aconteceu lá pela década de vinte, do século XIX, num lugarejo de verdes campinas e de planície por onde corria o grande rio cercado de umbrosos montes.

Por esta estrada solitária rural, em marcha indolente, eu rodopiava como se por uma picada andasse.

Eu levava meu bornal e, por via das dúvidas, acariciava meu valioso amuleto. Era começo de tarde, já no final do verão. Um mágico entardecer de céu limpo.

Estava sem nuvens onde pinturas avermelhadas apareciam e o sol resistia em desaparecer no horizonte.

O medo sempre chega quando a luz do sol começa a esmaecer. Nesta hora, a cabeleira do cabra começa a arrepiar, os olhos arregalam e dá um frio na barriga. Ele começa a lembrar do lobisomem.

O Zé da Palmeira afirma, que um dia, ele viu um porco grande demais, que foi crescendo, crescendo até virar um monstro.

Ele dizia:

- Não brinca homem! O lobisomem existe! A mula-sem-cabeça relincha na quaresma!

- Ora! Ora! Vejam só! Logo a você, querem impingir esta história? Há por certo muita mentira e exagero!

Em toda parte, todos que tentaram encontrar tesouros ocultos pereceram no árduo trabalho. E por estes caminhos, as histórias aconteciam.

Sei não! O povo aumenta mas não inventa.

Um dia, seguia eu pela mata, quando encontramos um jagunço destemeroso. Ia ele contando causos, discursando barbaridades. Um pobre do caipira, ingênuo como ele só, comigo se adentrava a mata, e de medo apoiava em minha figura. De olhos esbugalhados, assuntava aqui e ali, tateando pela picada da mata.

Chegamos numa casa simples, coberta de capim sapé, pintada de azul com cortina de fuxico, e o crochê cobrindo a mesa.

Homens estavam sentados no terreiro, com direito a um dedo de prosa e contavam seus causos.

Sentado na soleira da porta, o dono da casa pitava cigarro de palha de milho, feito com fumo de rolo que fora cortado profissionalmente com canivete afiado.

Nestas circunstâncias tudo pode acontecer.

Ora rola história de cachaceiro, ora causos de assombração. Sempre tem um que já viu, outro que é profundo conhecedor de assuntos de assassinatos ocorridos bem ali onde brotou o angico.

A prosa rolava, a pinga no buxo subindo para cabeça, não tinha mais trava que sustasse na língua.

Gegê da Portela contou que um vaqueiro de uma fazenda prá lá das bandas do Sobreiro, que ele conheceu um fazendeiro de posses e muitos pés de café, muito rico de gado miúdo e graúdo. Era tanto gado de dar de pau. Sem contar o cafezal.

Acontece que este fazendeiro veio a falecer, de repente, de morte morrida.

Tudo combinado para o velório. A jovem viúva desconsolada era amparada pelos amigos.

Como era costume do lugar e desejo do fazendeiro, junto do tal mancebo, enterraram também toda a sua herança e voltaram para casa. Depois de dois dias a esposa do coitado veio a falecer e foi enterrada no lado do finado.

Ocorre que o tempo foi passando, a sepultura desprezada e a morte esquecida.

Um belo dia, encontraram, no lugar da sepultura, uma jaqueira enorme, esgalhada uma verdadeira pilastra de galhos e frutos guardada por espíritos guardiões.

A herança que estava com eles, enterrada na mesma cova, ficou perdida, nunca mais tocada por causas dos espíritos que vigiavam.

Neste dia também foi contada a história de um fazendeiro que morreu lá pros lados do Sobreiro.

Não era muito velho o coitado. Os parentes se debulharam em lágrimas. Muita tristeza no lugar. Era bom o defunto.

Até capanga chorava e boiadeiro nem se fala, de tanto choro que se ouvia.

Os lamentos continuaram até altas horas.

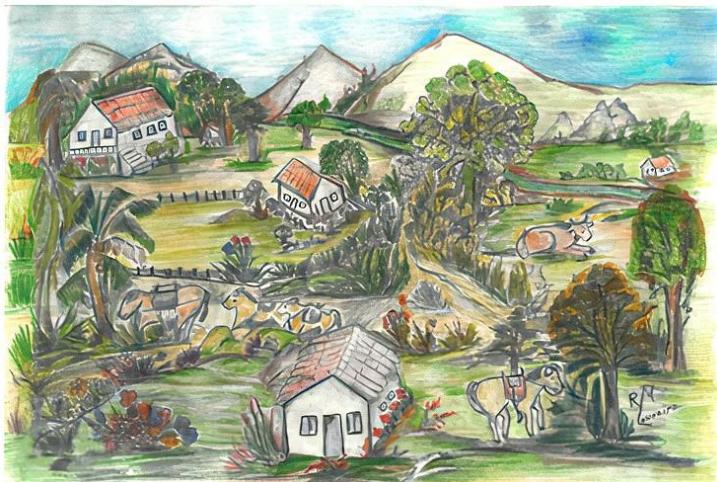
O café no bule, no fogão a lenha, estava sempre aquecido porque o fogo não parava de crepituar. A broa era farta e gostosa que inté do defunto esqueceram.

De manhãzinha, já pela madrugadinha, chamaram cinco caboclos para arrumar o corpo e carregar para o cemitério de Itaimbé. Botaram mãos a obra. Quando chegaram na sala para o serviço, levaram um baita susto.

Os valentões gritavam e corriam assustados. Não havia mais nenhum corpo no caixão! No lugar do falecido, havia uma bananeira!

Até hoje eu me divirto lembrando dos causos de assombração.

CAPÍTULO XI - CURVA DO ANGICO



Por segurança, quando alcancei a curva do angico, um vulto avistei e desapareceu na curva da estrada. Era bem o local famoso, das mil e mil histórias de feras sobrenaturais.

A lua cheia iluminava o caminho. Era lua de sexta-feira, treze.

Para encurtar caminho, resolvi entrar por uma picada bem ajustada.

Já ia entrando na mata e meu coração bateu depressa. Senti um calafrio. Eu me lembrei do causo do padre que sempre dizia que havia tesouro enterrado, por aquelas bandas.

Segurei firme meu amuleto.

Corria pelo lugar que a alma do padre, ficava sentada numa pedra, embaixo do angico, para vigiar o lugar. Muita gente dizia que sempre à meia noite ele rezava

missa, ali mesmo.

A luz do sol produzia sombras alongadas e os campos arados se mostravam duros como chumbo.

Das chaminés das casas das fazendas já se desprendiam fumaças dispersas, anunciando o jantar.

Com o bornal de tecido encardido e o amuleto bem escondido com zelo, eu carregava de tudo que precisava para meu sustento e defesa pessoal.

A paisagem era familiar e a estrada possuía curvas não muito íngremes. Mais adiante havia uma encruzilhada fechada e margeada por sebes altas que encobriam parte da paisagem.

Pouco depois de uma subidinha avistei a Casa de Pau, a loja de uma fazenda. Poucas pessoas estavam por ali.

As crianças estavam na escola da fazenda e apenas um velho com seu cachorro estava sentado na porta da loja. Parecia cochilar.

O que mais intrigava e chamava atenção de todos era o cuidado que eu dispensava ao meu precioso acessório.

Eu sabia que todos se perguntavam o que era de tão importante, guardado ali no meu bornal?

Estavam curiosos!

Mesmo nas estradas ou em recantos para o descanso, eu me abraçava com aquele acessório. Só eu sabia o poder de meu amuleto que era guardado ali.

Passei pela Casa de Pau, já noitinha.

Continuei a caminhada atravessei a matinha e segui para a vila.

Quando cheguei na vila, já era noite fechada.

Algumas crianças brincavam em suas casas, outras corriam no terreiro.

Quando me viram, começaram em gritaria:

Lá vem o Lelé capenga
não larga do seu bornal.
O que tem dentro, ó trenga?
Será mandinga infernal?

Eu nem ligava, afinal...
cada um vive como quer.
Se tenho este meu bornal
vou cuidar como prouver.

Subia, subia, não ligo não.
Que nem rolinha em arrozal,
tomo rumo do riachão
abraçado em meu bornal.

CAPÍTULO XII - ESTE É O MEU LUGAR

*Há flores pra todo lado
no jardim imaginário,
um caramujo calado,
um bem te vi autoritário*

Gosto de lembrar da tapera à beira do rio. É assim que vivo, só de lembrança. É uma modesta moradia de um colono português. Ficava antes do desaguador do rio Sobreiro. Numa janela, pousado sobre a cerca e acorrentado, um papagaio a gransnar. De uma pocilga distante partem grunhidos e mais grunhidos de porcos que reclamam sua ração. Quando chega a noitinha, nada se ouve, nenhum gemido de vento, nenhum cachorro latindo, somente, bem longe, o cachorro acuando algum gambá, ou algum uivo de raposa... que se perdeu no seio da mata e pelo verde da serra.

Que vida boa!

Servia de consolo, o rio que foge e desliza sem rumo e por entre as pedras se insinua, ganha corpo, canta e tumultua, em alegre burburinho.

Nestes momentos, eu acariciava meus segredos e cuidava de proteger o que levava no bornal. Sentia-me outro homem. Toda esta grande riqueza eu faria a vida em outras paragens.

Esqueceria os revezes da vida, o amor perdido.

Galopava entre sebes, sussurrava segredos aos pássaros ouvintes, cavava terra encravada, enquanto o rio se expandia, se alargava e alagava campo.

Sempre alegre a cantar, até que cai a noite, finalmente, no seio forte do Santa Joana. De alma lavada eu dormia ali mesmo, debaixo do grande ingazeiro.

Quando era dia, cheguei na tapera à beira do rio, que era moradia do avô Nato. Ele fizera ali a sua residência.

Uma modesta moradia de português, próximo ao rio Sobreiro!

Ali nasci e cresci sem nada saber ou nada queria com a arte da agricultura. Apreciador mesmo era da natureza e nunca dispensava um bom papo.

Muito atraído por toda a beleza da região, andava pelo caminho, explorava o céu, a terra e os ares de toda cercania. Logo subia montanha, nadava nos rios e ficava encantado com as grandes rochas de Itaguaçu.

Primeiro descobri a imponente Pedra Paulista com 600 metros de altitude. É um rochedo enorme, um grande pico de granito. Foi lá que eu fiz a minha primeira escalada, seguindo o caminho dos cabritos. Também observava os costões, onde descansavam os macacos que viviam em bandos.

Fiquei encantado com o Pico do Caparaó, com 850 metros.

O Paredão dos Cinco Pontões é uma das mais belas formações rochosas do Estado. Eu logo descobri várias vias para escalar o topo. Encontrei muitos sinais e histórias de jesuítas e de índios que habitaram por lá e

deixaram para traz ouro e riquezas.

- Estima-se que havia também índios Tupinambás na região na época que você andava por aquelas bandas. Verdade? Perguntou o Doutor.

Os tupinambás eram nômades e vegetarianos, mas de vez enquanto comiam um desbravador ou outro. A comunicação entre eles era sinal de fumaça.

Cheguei até Pedra do Cabrito, no distrito de Itaimbé.

Andei pelo complexo rochoso de Alto Laje e de pontos elevados que proporcionavam uma visão geográfica agradável de ser observada, além de caracterizarem o relevo do município.

- Ora vejam só! Você caminhava por todos os lugares, de alto a baixo, da referida localidade!

E ouvia atentamente o canto dos pássaros, contava nascentes, explorava a região e anotava na cachola tudo que via e saía contando do jeito que sabia.

Passeava pelas estradas, investigava o universo para descobrir todas as partes do mundo e saber como tudo funcionava. Quando encontrava alguma pista, fazia comparações para medir os resultados. Depois divulgava os resultados de minha pesquisa em forma de causos e contos orais que usava para atrair a plateia.

A região possuía riquezas inexploradas. Muito rica, era formada por variada espécimes de peixes, répteis, anfíbios, pequenos mamíferos e borboletas.

E eu ia me lembrando!

Este local era ideal para trilhas entre nascentes e riachos, cercados de exuberante vegetação da Mata

Atlântica.

- É para esquecer um grande amor? Continue!

Dizem que uma grande onça protege a maior nascente da região.

Belo passeio!

Extasiado, mal podia relatar toda beleza do lugar. Ia só pela floresta sentindo o perfume do luar, fitando céu e terras com olhos cheios de fadiga. Quando encontrava bicho valente, me defendia mostrando minha pedra encantada.

Quando luar ia chegando batendo na relva, eu andava com cuidado. A vegetação abundante precisava ser preservada.

Animais silvestres corriam a procura de abrigo e os pássaros, com seus trinados, avisavam da presença de estranhos.

Riqueza da natureza!

Numa cascata majestosa, pequenos mamíferos matavam a sede entre lavadeiras voadoras ou entre o capim verdejante.

Quantos animais, quanta beleza!

As lagartas bordadeiras constroem casulos, anunciam novas vidas!

Borboletas multicores vivem entre flores e cores a festejar, sempre saltitantes.

Um nicho cheio de vida e de segredos.

Uma cavidade no meio da vegetação chamou a minha atenção. Mais parecia um buraco de tatu!

- Será aí a toca da tal onça? O Doutor perguntou,

sempre gravando o depoimento.

Em meu andar, eu ouço os rumores da natureza, até barulhos que meus olhos não veem.

O sol quase aparecendo.

Os guaches barulhentos, com seus ninhos de coador, imaginavam a revoada dos filhotes já grandinhos e anunciam nova temporada de amores.

Os papagaios em algazarra saíam em busca de alimentos e, à tardinha, voltavam barulhentos para as pedreiras dormitórios.

Uma lagoa florida em vasos de cristais!

Um João de Barro contemplador não se cansa de buscar barro para o novo ninho.

O bem-te-vi maroto denuncia qualquer movimento.

As saúvas em cortejo levam folhas para o formigueiro.

O louva-a-deus, de mãos postas, desfia um terço em oração.

A lua, com seus olhos ensolarados, coloria a fonte, enquanto a constelação de borboletas azuis, vermelhas e de todas as cores, tremulavam no lugar.

Atento a tudo que via, avistei, ali perto uma linda pedra igual àquela que foi parar na coroa da rainha da Inglaterra.

- Tinha diferente brilho... Uma pedra esverdeada, ou seria verde azulada?

Impressionado fiquei com o brilho da pedra desconhecida que resolvi levá-la também. Coloquei a pedra no bornal, junto com as outras e desci o paredão.

Na manhã seguinte, com o sol já a pino, cheguei à vila que estava à uns 11 Km do local.

Foi assim que tudo recomeçou.

II PARTE

CAPÍTULO I - A DESCOBERTA

*Com tantos anos de vida
nem importa o sentimento!
Tudo passa até com a lida
e some ao sabor do vento.*

Boa Família ardia com o calor do verão. Parecia uma fornalha se não fosse a brisa que vinha lá das bandas do Santa Joana.

O sol brilhava e a natureza de cores quentes parecia esgotar-se em suor.

O veranico parecia eterno mas, enquanto na terra houver um ser, haverá de ser bela e o homem há de viver.

Com nome de Santa, o Santa Joana vai seguindo comigo, cortado de muita água bebida, de água que dá vida a muita gente.

Santa Joana até parece um poema! Tem linhas, tem rimas, tem vida!

Sem sua água? Que calamidade!

Correndo para o rio Doce, lá vai o Santa Joana.
Corta nossa vila, seguindo para a cidade.

Como bandeirante, caminhei até o entorno da mata da Pedra da Onça. Que nem passarinho, enterrava sementes de manacá da serra, uma árvore da Mata Atlântica. Ela dá flores de três cores.

Quem planta colhe ou deixa para a posteridade,

pensava eu com meu bornal rente ao corpo.

Olhei o fruto do sabiá que plantei na primavera.

Ele já floriu e já é um arbusto. Esta árvore da Mata Atlântica é muito resistente, prefere terrenos próximos a pequenos cursos de água. Na primavera ele fica coberto de flores brancas e perfumadas que dão origem a frutos alaranjados, muito apreciados pelos sabiás e por outras espécies de pássaros existentes na região. É muito útil para reflorestamentos pois, além de atrair fauna, tem adaptação fácil em diversos climas ou terrenos. Os índios usavam como isca para atrair peixes. Podem ser consumidos in natura porque são saborosíssimos, ou na forma de suco, geleias e até em molhosagridoce.

Com passos contidos que cheiram a precaução, cheguei até a mata fechada. Observei os reflexos solares que formavam um arco-íris na fonte da gruta.

Um lobo uivou demente, uma andorinha azul e branca voou ao meu redor e alcançou o mundo.

- Quando o episódio com os índios aconteceu? E o curioso Dr. sempre anotava.

Por volta de 1941, as lutas com os índios ainda continuavam. Muitos grupos fugiram de homens armados que queriam matá-los a mando dos fazendeiros para expandirem suas propriedades. Kauã é um dos heróis indígenas que morreu em batalha e que como tantos outros não é reconhecido em livros de história do Brasil.

À medida que os índios eram dizimados em suas aldeias, Boa Família ganhava nova configuração geográfica estendendo seu território além fronteiras.

Com a chegada de novos imigrantes as barreiras naturais apresentadas pela Mata Atlântica, foram rompidas e o interior se estendeu até os Cinco Pontões. Por toda parte novos habitantes se instalaram.



Arquivo de família

- Onde encontrou informações tão preciosas?

A beleza da natureza é muito preciosa e enriquecedora e nos faz entender melhor a vida.

Sempre escutei com atenção meu avô Nato que era muito sábio. Escuto também relatos de pessoas mais velhas e tudo guardo na cachola.

Certa vez caminhava no alto da Pedra da Onça, em meio da mata. Eu ia pensando em Kauana, sua morte precoce e violenta.

E qual seria o segredo das pedras brilhantes que envolvia o corpo da minha indiazinha querida?

Conferi o bornal. Todas as pedras que guardei estavam lá.

Como aprendera com Kauana, procurava seguir trilhas de animais silvestres que ali existiam em abundância. Esta era a forma que usava para não me perder na mata.

Era a primeira vez que eu voltava lá, depois da morte de Kauana. Observava, com saudade, o nosso esconderijo.

Foi então que observei um buraco de tatu ainda com a terra remexida, ainda úmida. Teria sido revolvida recentemente.

Devagarinho fui me achegando, me abaixando para observar a toca do tatu. Notei que havia junto com a terra removida, algo estranho.

- O que você encontrou? Fale tudo, pediu o doutor.

Eram pedras de coloração verde azulada em forma de canudo, bem no alto do paredão oeste da Pedra da Onça.

Encantado pela pedra resolvi levá-la colocando mais pedras em meu bornal de couro que agora pesava mais.

Caminhei, caminhei sempre matutando, num falar vazio e solitário, sem pronunciar palavras. Figuras que não vejo mas pressinto, seres que se criam nas sombras, se fizeram presentes em minha mente.

Falava assim com meus botões que nem pirandeiro, velando meus cuidados.

- Tão lindas! Pensava macambúzio: até parece um presente dos deuses! Vou guardar esta pedra maior só para mim. É que pode aparecer algum xepeiro, assuntei.

Esta será a minha pedra da sorte. Vai afastar pensamentos ruins de meu coração sofrido de amor.

E assim, como pensei, agi.

CAPÍTULO II - PODER DE UM AMULETO

*Com o coração na velha
vila e sonhos atrevidos!
São os sons da cidadelha,
sons de escravos feridos.*

*Se meu Deus é pura luz,
por que há dor mundo meu?
Triste, nada me seduz,
quero a morte, amigo meu.*

Sem ninguém a me aperrear, quando desci a Pedra da Onça o céu escurecia. Caminhei lentamente para não escorregar, seguindo a velha trilha que conhecia muito bem.

Pelo caminho vinha matutando sobre importância dos objetos escondidos no bornal.

Acariciava, às escondidas, o poder deste novo amuleto e acalentava sonhos. Acreditava que podia viajar usando os poderes da pedra, que se revestia de magia, fé e superstição.

Seria de grande valor? Posso enricar?

O amuleto permanecia escondido para que ninguém botasse olho grande ou pudesse prejudicar a felicidade que ela produzia em mim.

Entrei numa venda e uma alegria contagiente tomou conta de mim.

Nada vem do nada, pensei. O mundo está sempre girando.

Olho em redor do bar, escrevo algumas linhas num papel qualquer e devaneio como uma folha seca ao vento e vou levitando em ondas invisíveis, sem nenhuma preocupação.

Um homem barbudo, ao lado do balcão bebia um gole e o cheiro da caninha exalava do boteco. Ninguém se importava comigo e nem desconfiava do presente valioso que eu levava.

Penso que os homens bebem para afogar as mágoas. Eu vou beber para comemorar a vida.

Se nada vem do nada, eu mereço toda a riqueza que veio para transformar minha sofrênça e mostrar ao mundo que mereço.

A pedra estava na terra. Era para mim. Chegou porque fiz amigos, lutei mereci. Agora vai se transformar em vida boa e tranquilidade.

Tudo se transforma. A cachaça sai do copo para a cabeça, a primavera acaba para deixar vir o verão, a criança cresce e a natureza sempre se impõe.

Um tal do João da Silva, conhecido pirandeiro, que sempre perambulava pela região, de um canto escabroso da venda, qual coruja enfeitiçada, ouvia atentamente, bebendo conversas e pinga para conhecer os segredos do mundo.

- Olha o perigo, Purumé! Fuja deste lugar!

Após tomar algumas doses de cachaça, não mais pensei em fugir, e comecei a falar de meu passado, que nem o Nato fazia.

Sentado num banco de madeira, com o maior cuidado, fiquei assuntando antes de começar.

Águas marinhas? Ou seriam esmeraldas?

Eu sou o Escolhido, desbravador de matas e de pedreiras desta terra brasileira. Tenho muita riqueza. Sou amante da natureza e amigo dos animais. Trago aqui no peito grande dor de amor.

- De repente atravessou o espelho da vida?

Sou um descendente de nobres portugueses como sempre discorrera o Nato.

A Pedra da Onça sempre foi o meu esconderijo mas não esquecia as minhas origens e, quando voltava a minha tapera, ao lado do Santa Joana, recordava das histórias do velho Nato.

Entre um gole e outro destramelei a língua mas sempre escondendo a preciosidade mágica que era a água marinha.

O tempo para mim regrediu até chegar à casa portuguesa, berço de meus avós.

O Avô dizia que nossa família é descendente de Henrique de Menezes, conde da Ericeira, e depois, o III marquês de Louriçal. Casado com uma sobrinha teve muitos descendentes. Meu avô Nato contava que era senhor de Ancião, comendador da Ordem de Cristo.

Como embaixador, foi a Madri encarregado de negociar os tratados matrimoniais dos infantes de Portugal e Espanha, D. João e D. Gabriel.

- Continue! Só gente importante está ai!

A medida que o tempo passava, mais acreditava no poder de meu amuleto na sua capacidade de proteção e me fazia transportar até a pensamentos de longe, visitar novas épocas e beber mais uma caninha.

Sem mais pensar na força da cachaça, quando sobe para a cabeça, acreditava que era só esfregar a pedra que podia viajar sem perigo e conhecer novos povos e outras

pessoas, acreditar que o amuleto era poderoso revestido de magia.

- O vício é toda forma de desgraça!

Dona Maria, a Piedosa e primeira rainha a governar Portugal e empunhar um cetro, era nossa parenta! Tinha o título de Princesa do Brasil.

A pobre rainha ainda viveu no Brasil nove anos até morrer.

Olhei ao redor. Na venda era só alegria!

O homem do balcão ainda servia caninha...

João, o pirandeiro, espiava e ouvia.

A caninha cada vez mais inspiradora!

Da cachola, mais causos!

Hora e meia sem comida no bucho, de papos e bebida, a cabeça a girar, os músculos a arriar a fala emudeceu.

CAPÍTULO III - A DESCOBERTA DO AMULETO

Logo cedo, o Doutor encostou o carro em frente ao barraco. Estava muito entusiasmado para ouvir e gravar minha história. E se emocionava porque sentia que o final se aproximava. Demonstrava prazer nos relatos, suspirava quando a história de minhas caminhadas solitárias pela floresta impenetrável, povoada de animais ferozes, e se animava com a pescaria no Santa Joana.

Parecia participar de um teatro, drama de uma vida onde tudo acontecia e se transformava de verdade.

- Por todo lado a música do vento uivante e o cri-cri insistente dos grilos? E a onça que habitava a pedra?

Ansioso o Doutor desejava saber.

Há grande prazer em andar pelas florestas. O pensamento voa ao infinito e mexe com a vontade da gente, quando o silêncio prevalece para a natureza aparecer em sua amplitude.

Olhar o mundo de outra posição cria uma expectativa positiva, uma fé inabalável de que tudo vai dar certo. Ao nascer do sol, tudo acorda e você escreve nova história de vida na areia da lembrança. Todo universo aplaude o despertar e vem a sensação de um pertencimento, de uma humanidade que existe em todos nós.

Nem a riqueza me fez esquecer Cecília e eu ainda estava muito triste ultimamente, continuava muito apaixonado e desiludido.

Perdi tudo na vida. Minha mãe se foi logo que nasci, Kauana foi assassinada, Margarida se foi para longe e Cecília me deixou para se casar com outro.

- Por isto entrou naquele boteco?

Não só aquele dia, sim.

Entrei num boteco do caminho e a danada da pinga me pegou. De trago em trago, de gole em gole, apaguei ali mesmo na estrada. Mais que desmaiado, em sono profundo, na beira da estrada, qual cachorro morto, estirado com a cara no chão por culpa da danada da cachaça.

- Como soube o resto da história?

Salvo por um tal de João da Silva, conhecido bandido da região, muito dissimulado que se dizia comerciante. Era mesmo um mascate bem espertalhão que se mostrava muito bonzinho quando queria. Aquele mesmo que entrou no boteco, bebeu e agora entra carregando este aqui.

Mas o que desejava mesmo era ver o que existia de tão importante naquele famigerado bornal, tão descuidado agora.

Disfarçadamente, foi enfiando a mão no bornal e, na maior esperteza, de lá retirou a pedra água-marinha e logo começou a exibir o seu achado com estardalhaço.

Foi o suficiente para atrair a atenção dos presentes e não demorou uma multidão foi se formando.

A notícia varou mundo. Ainda atordoado segurei o bornal e vi que estava vazio. Desesperei.

O rebuliço era geral. Era o dono do boteco que gritava a boa nova, era tropeiro que largava suas mulas e até o coroné queria saber de onde vinha tanta riqueza.

- E você, Purumé?

Acordava do porre e nada entendia.

A cabeça rodopiava, o estômago embrulhava e a bagunça continuava.

- É ouro? Peguntava um.

- Eu quero uma também, indagava outro.

- Ataquem o João! Queremos uma pedra também! A velha fofoqueira gritava para instigar o pоварéu.

- Não deixem ele fugir, berrava o coroné. Só ele sabe informar o local do achado.

- Ele vive lá na Pedra da Onça. Lá deve ter mais iguais a esta! Gemeu o dono da casa para os amigos.

As brigas por dinheiro são as piores.

Tentação?

Vaidade?

Necessidade de poder?

Amigos ficaram machucados, irmãos contra irmãos, todos como animais ferozes, brigavam entre si por causa da pedra que apareceu.

Como explicar tanta loucura, as infelicidades e tragédias que podem acontecer por causa do maldito dinheiro?

CAPÍTULO IV - A NOTÍCIA SE ESPALHA

Agora era o tudo ou nada!

O coração do povo ainda a bater. Mas ninguém verte lágrimas pelos que se foram. Nem pelos que aqui estão.

Que algazarra! Guerra de baixarias, ódios, ressentimentos infâmias, calúnias. Será que o dinheiro é tudo na vida?

Gente se achegava dos quatro cantos procurando saber melhores notícias. Não havia pranto e nem água do Santa Joana que regassem tantas raízes expostas da bela vila de Boa Família.

Nem há mais abrigos ou lembranças da velha figueira de mais de duzentos anos, onde, na sombra de sua opulência, se abrigavam os tropeiros, os viajantes, os imigrantes e os colonizadores.

Abençoada figueira!

Teimosa figueira do Santa Joana! O seu velho tronco quebrado e deformado pela imperícia humana, sempre teimando, sempre a desabrochar. Por entre as partes carcomidas, novas folhas brotavam numa teimosia histórica, na testemunha viva da colonização do lugar.

Ó figueira, você era o único monumento da vila.

O desprezo e a falta de imaginação e a de memória dos governos deixaram que ela morresse e o lugar que deveria ser comemorativo, não existe mais.

Ah! Povo desmemoriado!

O ruído das palavras ouro e riqueza misturadas com as risadas estranhas, tudo interrompeu meus pensamentos já comprometidos pelo álcool. Fiquei mais atordoado e consequentemente roubado em minha paz.

Pensamentos desencontrados, durante muito tempo, quase me levaram à loucura.

Empurrões e apertos...

Ninguém mais ouvia os sinos da igreja. De quem mesmo é a autoria de tanta algazarra? Se os sinos tocam, não mais são ouvidos e porque novas preces não eram feitas.

Os sinos falavam para anunciar casamentos, batizados ou para anunciar nascimentos.

Quem diria que a natural tranquilidade da Pedra da Onça fosse maculada por uma procissão de gentios.

Enchi o bornal de pedras e sai cambaleando atirando pedras para afugentar os inimigos.

Eu pensei:

Agora estamos em guerra!?

Quando percebi que estava vulnerável e sozinho diante da frente de batalha, procurei um lugar seguro para me proteger.

Quando tudo parecia calmo, saí do esconderijo e caminhei e procurei refúgio em Kauana.

Assustado, ali me recolhi novamente. Enquanto eu me escondia a notícia se espalhava como um rastilho de pólvora.

CAPÍTULO V - PARECIA ATÉ MILAGRE

*Nesta vida tão difícil,
é preciso acreditar.
Fé em Deus, é credo tão fácil,
para tudo se acertar.*



A notícia de uma grande mina de ouro descoberta em Boa Família se espalhou por toda parte, passou de boca em boca, correu de pé de ouvido e até em alto falante.

Um berrante usado para chamar a peãozada foi ouvido, gemidos, mortes e ranger de dentes apavorava o povo.

Chegou até ao Ceará, que naquele ano sofria por causa de uma grande seca.

A notícia de um novo canaã, a nova terra abençoada por Deus, encheu todos de alegria e disposição.

Os cearenses chegaram, fugindo da seca que assolava suas terras e muito esperançosos em conquistar riquezas e terras férteis para a plantação.

Entraram no reboliço.

Venda fechada, gentarada na estrada, a Casa de Pau não abriu, toda plantação ficou esquecida, ordenha não aconteceu porque o vaqueiro também era filho de Deus.

Não era domingo, mas ficou sendo.

Até Pippeloni abandonou o posto telefônico, fechou o armazém de café e saiu gritando.

Senhoras e senhoritas, em gritinhos nervosos e com suas camisolas caseiras protegendo suas vergonhas, também saíram em disparada espalhando a novidade.

O diabo espantou o padre da igreja e ele deixou a paróquia que é também casa do povo. Saiu em busca da riqueza com desculpa de acalmar a gritaria. Chamou sua alma e perguntou se era de luz ou de trevas gostar de dinheiro tão escasso por estes lados.

Folhas secas voavam pelas campinas amassadas por pés descalços. Fazia tempo que não se via tamanho vendaval no rastro da caminhada.

O tempo passa!

O tempo voa!

O céu escureceu!

Nesta hora um temporal se formou.

Ó chuva benfazeja que corre pelos beirados e nas folhas, dizendo tantas coisas, acalmando corações!

O céu do temporal, tão desconhecido em sua fortaleza destruidora, tão escurecido e desconhecido, fazia a mente girar.

Parece coisa do Demo? Diziam as velhas mexeriqueiras.

Penso que Deus quer nos lembrar do perigo que foi a ganância que causou a destruição de Sodoma e Gomorra, segredavam as beatas.

Na incerteza de minhas ações eu queria seguir com a vida, costurar os pontos de minha existência, adentrar em meus sonhos impossíveis e encontrar a paz.

Porém a incerteza da felicidade ofuscava os meus pensamentos e fazia revirar minha mente.

- Mesmo não sendo aquilo que planejou e nem tudo sendo perfeito, o que pensou, se realizou! Você teve amigos, agora escreve um livro! Você venceu!

Curioso e sempre mais admirado, o doutor perguntava, ouvia e escrevia. Mesmo não sendo aquilo que planejei, tudo era muito forte, intenso, como sempre foi minha vida.

- Mas suas histórias serão recontadas! Chegará um dia que seu filho lerá sua história e se orgulhará de tudo que você passou e conquistou nesta vida.

Mas a minha história já foi escrita e recontada de tantas formas!

É tudo indefinido em minha mente.

E o futuro, qual será o meu destino? O que me aguarda se meus desejos se confundem, sem nenhuma perspectiva de futuro. Só vislumbro caminho incerto a

se mostrar na minha velhice mesmo o hoje sendo real, sincero e verdadeiro!

E eu aqui deitado, lembrando de brincar de cabra cega, colhendo flores para Kauana, a princesa das matas do Cinco Pontões.

Entre comportamentos de bruxos, ciprestes artisticamente talhados pela natureza e geometricamente dispostos em minha mente, voltarão a existir para mim? E os ipês floridos que vejo no centro do descampado? E os frutos do sabiá dispostos ao redor de um lago transparente, decorados pela nascente que forma o lago?

Só bicho entende minhas palavras, minhas solitárias cantigas. E a música do vento cantando nas pedras que enchem meus ouvidos, trazem paz para meu coração?

Os murmúrios de gotas no laguinho caindo das folhas das árvores e a canção que ascende emoções quando pés descalços nadam na lama dos caminhos molhados?

Minha palidez junto com um frio que fazia na Pedra da Onça faziam ranger os ossos, sentir um estranho calafrio que corria pela espinha, onde encontrar novamente?

Choveu água para encher tonel. Onça bebia água de cócoras. A Pedra da Onça chorou.

Chorou tanto que se cobriu de um manto e se negava a se desnudar.

Era um mistério! Passaram dias e dias e a Pedra toda encoberta. Parecia até coisa do Demo.

Fizeram até reza e procissão para acalmar os

espíritos.

Promessas foram feitas a Nossa Senhora das Dores até a pedra aparecer.

Era o bastante, para todos se reanimarem.

Armados de facas, facões, pás, enxadas, e até enxadões e rumaram para a Pedra da Onça. Uma multidão formada por toda gente: os comerciantes, os agricultores, todos que estavam dispostos ao tudo ou nada.

Suados envergavam suas picaretas e gritavam palavras de ordem.

As brigas começaram logo que a cachaça subiu.

A passagem da procissão pelas cercanias e matas deixou marcas profundas, pisoteadas pala multidão ensandecida.

Muitos homens barbudos, montados a cavalo, carentes de banho e roupa limpa, dispostos a tudo, quebrando o sossego de todos, surgiam de todos os cantos.

A cidade abandonada às pressas, gente escondendo seus pertences, mulheres chorando, pedindo proteção aos santos.

Na verdade a ameaça eram os jagunços que defendiam os coronéis. Tensão e tiroteios aumentaram causando mortes.

Ainda hoje, tudo isto povoa lembranças dos moradores mais antigos. Viajando pelo interior é possível encontrar alguém disposto a contar causos do tempo dos revoltosos.

Esta arruaça foi caminhando até que chegaram no alto da pedra. Reviraram tudo. Tentei defender Kauana e foram mais violentos comigo. Apanhei enquanto lutava para conservar a Sagrada Morada dos Deuses e da Pedra da Onça.

Logo encontraram as primeiras pedras que brilhavam bem a vista rodeando o lago indo até à nascente.

A terra toda estremeceu quando começaram a cavar.

Dizem até que esta foi a maior jazida de águas – marinhas do mundo.

O município nada guardou destas pedras e nem tinham a noção do seu valor real. Os garimpeiros improvisados foram alvo fácil de espertalhões e de atravessadores e estelionatários que vieram de outras paragens.

Comercializaram as pedras, obtiveram muito dinheiro, mas tudo acabou.

- Foi aí que você ficou perdido na mata? Você ficou muito triste sem o seu amuleto, diante da devastação do seu território, sem amor e sem amigos!

Ó sofrido coração!

Ó perdido cidadão!

Eu amava a vida, sofria pelos amores que tive e por tudo perdi. Nada pude contra a avalanche que me envolveu.

Não consegui enfrentar o apelo do não e as pedras vívidas que tinha. Como uma árvore se vê subitamente desfolhada pelo vento furação, era eu.

Senti o sufoco do abandono de folhas despetaladas

que tombam sem memória, sem pétalas.

Muito perdido, pobre de mim, fiquei inquieto como ramos recurvados que se despregavam sobre o Santa Joana.

Havia um importante Rio em minha memória, suas ondas se vão e não voltam jamais como perdidos amantes que tiveram suas bocas silenciadas, no sufoco de uma breve madrugada.

Saí sem direção e caminhei seguindo a estrada às margens do rio Santa Joana, o rio que marcou vidas.

Tentava me equilibrar.

Ó meu Deus! Eu só desejava era ser aceito pelas pessoas, ter o amor de minha vida para ser feliz.

Estava eu a me equilibrar entre palavras mortas em vazante águas profundas de limos em enxurradas, transformada em ácidas mágoas, entre raízes mortas enterradas na cisterna do meu coração.

Sinto que andei por estradas poeirentas. Subi ladeiras e senti fome. Não mais me lembrava do meu nome. Perdi noção de família, de tudo.

Segui sem rumo por um caminho qualquer.

Adiante senti tudo estacionar: o céu, o vento, o rio...
Silêncio.

Escuridão demente. Meus grandes amores, o amuleto, da sorte desapareceram sem significado!

Caí, levantei! Levantei e caí!

Palavras e vozes desconhecidas. Primeiro, mais distantes, depois se aproximando. Quando acordei, o médico liberou, considerando que era embriaguez o

meu pecado maior. Fui chamado de Purumé.

Pelas ruas de Vitória vivi, fui catador de material reciclável, encontrei uma companheira que me compreendeu e aos poucos me conquistou.

Para meu filho, gerado na pobreza, deixarei a história do meu povo verdadeiro.

Filho! Quando você crescer, lerá estas páginas. Foram escritas pela dor de vidas passadas e serão deixadas como lembrança da vida honrada que levei.

Hoje posso afirmar, sim!

A vida é dádiva de Deus.

Não existe amor maior, mais verdadeiro, que o meu amor por você.

DAS DORES! Obrigada!

Eu tive coragem! Quem bom!
para falar do meu segredo,
declarar tudo, em semitom
gritar mesmo neste degredo.

Devemos gritar ao mundo
que nossos caminhos se fundem,
que nosso amor vagabundo,
de irmãs almas, procedem .

Construímos um futuro,
ultrapassamos barreiras,
escalamos ruas e muros
vivemos, vidas verdadeiras.

Os teus beijos foram além!
Não menos que loucura insana,
mas élan da forte raça também,
em desejos, em prosa humana

Entre loucos abraços e ardentes
desejos, o homem perdido acreditou
no mistério de estrela cadente
e que sonhos também existem

Andamos pelo caminho
agora com a vista alargada,
flama do respeito ao filhinho,
à raça da geração passada.

Se amor é força que nos uniu,
a carroça de lixo foi a vida, fluiu.

Se no desejo a vida surgiu,
o braço de mulher forte resistiu. Amém!

- E foi assim que nasceu o livro

LEMBRANÇAS DE PURUMÉ.

Tenho dito!

Antônio Carvalho Vieira Filho - Purumé

Itaguaçu! Rincão da Terra Brasileira!
Salve! A Muralha, natureza que herdou!
E a Água Grande que corre altaneira,
Que deram nome e o mundo consagrou.

Com saudade da Terra distante,
Ao longe despontou em prontidão
A caravana, a raça imigrante,
E o Caparaó ouviu a multidão.

Trazendo sua bandeira, e corações a palpitar,
O zum... zum... de passos fez a terra tremer.
Fincou pé, lutou, sofreu para a terra conquistar.
Com corpos sadios, sua linguagem oferecer.

Salve os filhos desta gente pioneira!
Salve! Salve este povo varonil!
Itaguaçu, de pedra e água brasileira,
És o orgulho deste nosso Brasil.

O índio matreiro das pedras e montanhas,
O primeiro desta terra brasileira; a chorar
E com peitos fortes, vigor, e em campanhas,
Deixou riquezas para o povo do lugar.

Salve o Branco, o Negro e o Índio!
Braços fortes, peitos firmes a lutar.
São a riqueza, a força, foi o início
Da beleza, para o povo consagrar.

Score

Itaguaçu

Letra: Regina Menezes Loureiro

Música: Bruno Santos

♩ = 120 (bossa nova)

A F maj 7

C♯

D m7

1 - ta - gua - çu Rin - cão da ter - ra bra - si - leira Sal - ve, a mru -

ra - lha na tu re za que her - dou E, a - gua

7

gran - de que cor - re a - al - ta - neira que de - ram no - me

II

F maj 7 D m7 C7sus4 C7

— e, o mun - do con - sa - - - grou Com - sau -

B

C7sus4 C7 F maj 7/C F maj 7/C

da - de da ter - ra dis - tan - te ao lon - ge des - pon - tou, em pron - ti - dão A ca - ra -

19

C7sus4 C7 F7sus4 F7(9)

LEMBRANÇAS DE PURUMÉ

Itaguaçu

2

C

B m7(5)

E 7(9)

A m7

D 7(9)

su - a ban-dei - ra

e co-ra - ções

a pal - pi - tar

O zum zum

G m7

C 7

F maj7

F maj7

zum de pas - sos fez a ter - ra tre - mer _____ Fin - cou

B m7(5)

E 7(9)

A m7

D 7(9)

pé lu-tou so - freu pa-ra ter - ra con - quis-tar _____ com cor - pos sa -

G m7

C 7(9)

F 6(9)

C 7sus4

di - os su - a lin - gua - gem o - fe - re - cer

Sal - ve, os

D

F maj7

C \sharp

D m7

C m7

F 7

fi - lhos des - ta gen - te pi - o - nei - ra Sal - ve sal - ve es - te

B \flat maj7

B m7(5) E \flat 7sus4

A \flat maj7

A \flat maj7/E \flat

E \flat

po - vo va - ro - nil I - ta - gua - çu de pe - dra, e a - gua - bra - si -

F m7

G m7

C 7

F maj7

D m7

leira és o or - gu - lho des - te nos - so Bra - sil Bra -

Itaguaçu

3

51 C7sus4 C7 E C7sus4 C7

sil O in - dio ma - trei - ro das pe - dras,e mon - ta - nhas o pri -

55 F maj7/C F maj7/C C7sus4 C7

mei - ro des - ta ter - ra des-ta ter - ra bra - si - lei - ra a cho -

59 F7sus4 F7(9) Bm7(5)

rar E com — pei - tos for - te vi -

62 E7(9) A m7 D7(5)

gor e em cam - pa - nhas dei - xou ri - que - zas dei - xou ri -

65 Gm7 C7 F maj7 F maj7

136 que - zas pa - ra,o po - vo do lu - gar Sal - ve o

F Bm7(5) E7(9) A m7 D7(5)

bran - co o ne - gro,e o in - dio Bra - ços

73 Gm7 C7(5) F6(9) C7sus4

for - tes pei - tos firmes a lu - tar São a ri -

LEMBRANÇAS DE PURUMÉ

Itaguaçu

4

G

B m7(5)

E 7(9)

A m7

D 7(9)

que - za,a

for - ça foi o

i

ní

-

cio

da - be -

G m7

C 7(9)

F 6(9)

C 7(9)

F maj7

le - za pa - ra,o po - vo con-sa - grar

Con-sa - grar.

Lembranças de Purumé – um cidadão simples descobre sua verdadeira identidade.

Romance que apresenta a vida de um ser humano com suas virtudes e carências. Com uma vida simples, mas de muita superação, vivencia o dia a dia repleto de dignidade, interagindo de forma positiva frente às belezas da vida.

Bibliografia:

- 1- Livro Vila Velha - Onde Começou o Espírito Santo; Jair Santos, Vila Velha, 1999;
- 2- Guia Geográfico do Espírito Santo -História do Espírito Santo, Jonildo Bacelar;
- 3- De Francisco Gil de Araújo ao final do Século XVII - por Mário Freire.